Ministério da Cultura apresenta
Banco do Brasil apresenta e patrocina

James Dean

Eternamente jovem

Eternamente jovem

Eternamente Jovem — Retrospectiva James Dean
Abbade, Mario *(org.)*
1ª Edição
Setembro de 2012
ISBN
Produção editorial:
Leonardo Luiz Ferreira
Revisão:
Mario Abbade
Capa:
Fernando Hargreaves
Projeto gráfico:
Fernando Hargreaves e Guilherme Lopes Moura
Todos os direitos reservados.
É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem prévia autorização dos organizadores.

James Dean

Eternamente jovem

“Nascidos no mesmo ano de 1931, James Dean em fevereiro e eu em junho, tínhamos praticamente a mesma idade. A diferença é que ele era lindo, misterioso, carismático, genial, um ícone, talvez o maior de sua geração. E eu era um pobre e distante fã, feio, sem qualquer graça, que tentava imitar seu jeito de olhar, de andar, de virar a cabeça, de franzir a testa, de levantar a gola da camisa – tudo inutilmente. Ele era inimitável e incomparável. Havia quem preferisse Marlon Brando, já uma estrela consagrada, mas para nós de vinte e poucos anos este representava o passado, em maneira de ser e de agir. Na minha turma, na nossa calçada da fama, o herói era aquele quase garoto que já carregava na tela e na vida a promessa de uma tragédia anunciada. Nós fingíamos crise existencial, fazíamos cara de angustiados, nos isolávamos, tudo para parecermos com o jovem solitário e amargurado de **Vidas Amargas**. Ou, então, promovíamos arruaças para imitar o rebelde e desordeiro de **Juventude Transviada**. Ou tomávamos porres como se estivéssemos em **Assim Caminha a Humanidade**. As histórias e lendas sobre ele povoavam nossas imaginações. Dizia-se que a atriz Pier Angeli tinha sido o amor impossível de sua vida, pois a mãe dela proibira o namoro porque ele não era católico. Fofocava-se muito sobre suas supostas aventuras amorosas. Só não permitíamos que as especulações e insinuações maliciosas pusessem em dúvida sua vida sexual. James Dean encarnou tanto a condição de mito que a sua morte num estúpido desastre de automóvel aos 24 anos de idade pareceu a cena de um filme, não uma tragédia real. Custamos a acreditar que junto com os destroços daquele Porsche estava indo embora o ídolo juvenil de nossa geração.”

Zuenir Ventura é jornalista e escritor.

Foto:
James Dean em Nova York

Ministério da Cultura e Banco do Brasil apresentam a mostra **Eternamente Jovem — Retrospectiva James Dean**. Apesar de estrelar apenas três filmes, o ator se transformou em uma verdadeira lenda cinematográfica, que só cresceu com o passar dos anos, influenciando não só atores, como também a moda, a música e estilos de vida.

Uma oportunidade única para acompanhar o seu crescimento como ator desde suas primeiras participações no cinema e nos telefilmes até o ápice, em que foi comparado a Marlon Brando e consagrado por público e crítica com tão pouca idade.

Além da retrospectiva com filmes e documentários sobre o astro, o Centro Cultural Banco do Brasil também abriga uma exposição de fotos que presta homenagem ao mito. Serão três semanas para conhecer ou relembrar o talento único de James Dean.

Centro Cultural Banco do Brasil

Foto:
James Dean na casa de seu tio
Marcus em Fairmount, Indiana

Astor
20 000 LEAGUES
UNDER THE SEA
CINEMASCOPE
APPLIANCES
NO

Eternamente Jovem

Retrospectiva

James Dean

Mario Abbade

James Dean saiu de cena muito prematuramente, mas seu talento, mesmo espremido dentro dos limites de uma carreira relâmpago, teve o poder de tornar sua imagem e sua influência eternas. Além dos clássicos **Vidas Amargas**, J**uventude Transviada** e **Assim Caminha a Humanidade**, a mostra **Eternamente Jovem — Retrospectiva James Dean** revela toda a trajetória que fez do ator, morto em 1955 aos 24 anos, uma referência. São produções inéditas no Brasil, feitas para a TV, em que é possível acompanhar como Dean se firmou como um ícone das artes dramáticas. Além da exibição desse material histórico que contou com a atuação de James Dean, a mostra reúne documentários e produções relacionadas ao ator, que até hoje, quase seis décadas depois de sua morte, é tema de novos lançamentos a cada ano.

Assim como Montgomery Clift e Marlon Brando, James Dean foi aluno do "método" do Actors Studio. E soube colocar suas experiências de vida a serviço dos personagens a tal ponto que poucas vezes o sofrimento se materializou na tela de modo tão definitivo. Entre os sentimentos que encarnou diante das câmeras, um definiu o ator como um símbolo da juventude: aquele pelo qual Dean mostrou como é doloroso crescer.

Duas características que sobressaíram na carreira do ator, a sensibilidade e a impetuosidade, podem ser resumidas nas únicas paixões comprovadas de sua breve vida: a atriz Pier Angeli e a velocidade. Por ter morrido tão jovem, James Dean deu margem a muitas versões sobre sua intimidade nas últimas décadas. A imagem de uma escultura feita pelo ator ilustra bem essa lacuna que Dean se tornou para muitos que permanecem tentando preenchê-la com o que mais lhes convém: a peça **Self**, em que ele representa uma criatura sem rosto definido. A curadoria da mostra — depois de pesquisas periódicas que se estenderam ao longo de 30 anos, incluindo entrevistas e viagens a todas as cidades em que o ator esteve — se preocupa em ser o mais fiel possível à história de James Dean, evitando as inúmeras especulações. Para tanto, foram

Foto:
James Dean em Nova York

priorizadas na concepção do evento, que inclui uma exposição, as fontes mais confiáveis, como as cartas escritas de próprio punho pelo ator, além de objetos e documentos que formam um acervo sobre ele, em parte guardados no museu em sua homenagem em Fairmount, Indiana, nos Estados Unidos.

Mas as versões, até mesmo em diferentes filmes sobre Dean, também são contempladas, talvez inclusive aquelas que pretendem exagerar seus pontos de vista a partir do fato — este, sim, confirmado — de que o ator era um profissional ambicioso e um transgressor, sintonizado com o espírito indômito de sua época. Mas é fato também que, somados todos os relatos de acontecimentos atribuídos a James Dean, seria impossível fazê-los caber no tempo que o ator teve de vida e carreira.

Em seu final infeliz, quando saiu "da vida para entrar para a história" do cinema e dos costumes, James Dean assegurava também seu lugar de honra no trágico panteão de jovens mártires românticos, como Janis Joplin, Jimi Hendrix e Jim Morrison, aqueles que sentiram a vida com intensidade demais para continuar a vivê-la.

Mario Abbade é jornalista, crítico de cinema de O Globo, presidente da Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro (ACCRJ) e curador da mostra **Eternamente Jovem — Retrospectiva James Dean**.

Foto:
James Dean em seu
apartamento em Nova York

James Dean

Eternamente jovem

Sumário

14 James Dean
por Glauber Rocha, com prefácio de Ismail Xavier

17 O Ator e o "Método"
por Aderbal Freire-Filho

20 O Desequilibrista
por José Carlos Avellar

24 O Outro Lado da Juventude
por Luiz Zanin

27 Biografia
por Mario Abbade

30 Vidas Amargas
por Luiz Fernando Gallego

34 Juventude Transviada
por Gilberto Silva Jr.

38 Assim Caminha a Humanidade
por Rodrigo Fonseca

41 Televisão
por Carlos Brito

44 Documentários
por Filippo Pitanga

47 Publicações
por Breno Lira Gomes

50 Ícone Pop
por Raphaela Ximenes

53 James Dean por ele mesmo

56 Citações

60 Filhos de Dean
por Leonardo Luiz Ferreira

64 Sal
por Mario Abbade

68 Joshua Tree, 1951: A Portrait of James Dean
por Carlos Brito

72 A Exposição
por Mario Abbade

76 Filmografia

83 Cronologia Artística

86 Agradecimentos

87 Ficha Técnica

Todos os textos são inéditos e foram escritos exclusivamente para este catálogo, com exceção da crítica de Sal e do trecho assinado por Glauber Rocha com prefácio de Ismail Xavier, gentilmente cedidos para esta publicação.

Foto:
James Dean na casa de seu tio
Marcus em Fairmount, Indiana

James Dean

O Anjo

e o Mito

Glauber Rocha

James Dean, jovem anjo colorido em celuloide e mal, adolescente em velocidade além de macho fantasiado pelo desespero mecânico, liberta, com a morte, os meninos terríveis sem flores, sóis e ritmos.

Quando os mitos assumem tais proporções é preciso romper os limites de quantos desabrochados ainda existam para liquidar a forma e a fórmula em gestos de espasmo e dor.

James Dean satura a tradição do mito e invade o espaço dos desejos.

Anjo rebelde contendo o demônio insatisfeito e atormentado por uma condição de Édipo inconsciente – a jovem mãe que o embalou e que sumiu ligeiro de sua infância – Dean rompia o asfalto e desdobrava as curvas da estrada buscando um sentido de vida em cada movimento de guiar.

Porque seus olhos eram fracos, o espírito alcançava uma meta e o carro de aço polido, bólide embalando um gênio – substituto em ritmo desequilibrado do berço materno – rompia o vento e libertava o menino daquela angústia escapando pelos blusões de couro negro, calças velhas de vaqueiro, cabelos inconformados de medusa.

Dean Não Foi Uma Estrela Comum.

É o símbolo de uma geração sem moral a obedecer e recolhida nos refúgios das fórmulas.

Gritou contra o julgamento antes de sentir e por isto amou animais e máquinas.

Carregava um "mal de viver" e nunca foi surpreendido pela morte.

Sabia da tragédia e a precipitou a cento e setenta quilômetros de coisas inexplicáveis.

"James como Joyce, Byron como o poeta coxo, Dean como eu..." – JAMES BYRON DEAN.

Texto transcrito do livro "O século do cinema", da editora Cosac Naify (2006). Originalmente publicado por Glauber Rocha com o título "James Dean — um Anjo e um Mito" no jornal A Tarde, Salvador, maio de 1957.

Foto:
James Dean em **Vidas Amargas**

Trecho do prefácio do livro, por **Ismail Xavier**:

O ator e sua morte precoce inspiraram um dos mais belos textos do jovem crítico, lugar de uma identificação que muitos podem receber com surpresa, mas que se deve ao toque de grandeza presente na tragédia encarnada em James Dean, com sua conjunção de desespero na afluência material e egocentrismo não complacente. Dean foi o mito que cristalizou a união de juventude niilista e violência no seio mesmo do poder material do Império; uma nova faceta do "mal-estar na cultura" que os anos 50 desdobraram numa iconografia de grande impacto: máquinas velozes, blusões negros e crispações faciais potencializadas pelo "método" que se ajustou, com maior ou menor êxito, à expressão de um caldo de cultura em que a neurose individual se fez ícone do que Glauber via como uma crise de modelo civilizatório. Embora expressão de um sufoco que não derivava da pobreza material, o destino do jovem americano trazia seu paralelo com outras experiências trágicas que, embora distintas, lhe eram contemporâneas. Estaria aí o mérito do melhor cinema americano: construir um mundo de forma pelo qual os talentos mais lúcidos de Hollywood transfiguraram a "tragédia americana" (para evocar o livro de Theodore Dreiser que Eisenstein roteirizou mas não filmou).

Foto:
James Dean em Nova York

O Ator e o ‘Método’

Aderbal Freire-Filho

Queria que vocês vissem uma foto minha de quando eu era James Dean. Uns quarenta caras, todos com uniforme do colégio, você me procura e no mesmo instante me acha. Ali, na primeira fila, do lado direito, eu. Digo, James Dean. Passei anos ouvindo de quem via a foto: bati o olho e te vi. E não sabia de onde vinha aquela minha pose, aquele jeito diferente, ligeiramente curvado, a perna meio dobrada. Muitos anos depois, encontrei a foto numa velha caixa, bati o olho e disse: claro, James Dean. Eu imitava James Dean, um esporte da época. E é porque na foto não dá pra ver que a fivela do cinto está no lado da calça e não na frente, James Dean puro.

Devo a James Dean grande parte da minha devoção a atores, essa foto de colégio e uma certa corcunda que ficou dessa imitação. Os rapazes que gostavam de cinema e de “viver perigosamente” nos anos 50 se dividiam em três tipos: *jamesdeans*, *montgomerysclifts* e *marlonsbrandos*. Esses, em geral, sonhavam com motos. E existiam também os que eram todos, dependendo do dia e do gosto da moça que a gente queria impressionar. E, quando não se conhecia esse gosto, íamos por tentativa e erro. Eu, por exemplo, também era muito bom em Montgomery Clift. Tinha uma foto famosa dele, que eu reproduzia ao vivo na calçada ao lado do cinema São Luiz, em geral nas tardes de domingo, antes da sessão das quatro. O olhar meio baixo, as pernas um pouco afastadas, agarrando um paletó surrado com uma mão só, o braço estendido ao lado do corpo. Ficava horas assim na calçada, fui um precursor desses caras que fazem estátuas vivas pintados de branco.

James Dean fundou uma religião. Foi um deus com três aparições mágicas nos céus do mundo inteiro e depois o sacrifício na encruzilhada. Quantas vezes nós, os fanáticos, vimos **Juventude Transviada**? E pagávamos pra ver outra vez o riso que aparecia no meio do choro, quando ele descobria uma meia diferente da outra, olhando para os pés do Sal Mineo, seu amigo morto.

Acho que estávamos descobrindo o ator, o poder que ele tem de dar mais intensidade à vida do que a vida tem.

Uma versão da história do ator, a partir de James Dean. Ou, ajustando melhor o foco: uma pequena história do ator de cinema, tomando como eixo James Dean. Os primeiros atores de cinema, isto é, os atores do cinema mudo, procuraram no corpo, especialmente rosto, braços e mãos, meios de compensar a ausência de expressão oral. Repetia-se em escala menor a história da civilização. O ator do cinema mudo era como o homem primitivo, que ainda não dominava uma linguagem falada e valia-se unicamente de sua expressão gestual. Com o advento do cinema falado, foi como se a fala acalmasse o corpo, até quase liberasse o corpo. Não por acaso, talvez a campeã das indicações dos diretores de cinema a seus atores até hoje seja resumida em uma palavra mágica, geralmente repetida e intercalada pelo nome do ator: menos, fulano, menos. As atrizes ainda resistiram mais do que os atores ao "menos, Ms. Monroe, menos", certamente porque são mais exuberantes por natureza e exercitam na vida real mais do que os homens sua expressão corporal. Mas Cary Grant e Stewart Granger encabeçando todo o grande elenco dos anos 40, 50 já nasceram com a tecla menos, menos ligada. Tudo bem, eles eram muito bons. Como a história quase sempre anda num movimento de ação e reação... ou melhor, a dialética histórica aplicada ao cinema bem pode admitir que depois do exagero da interpretação no cinema mudo segue-se a contida interpretação dos primeiros tempos do cinema falado.

Então, aparece James Dean. Fico com uma cena mítica: o já rico e grisalho Jett Rink, discursando bêbado, em **Assim Caminha a Humanidade**. Menos, James Dean, menos (ele foi dublado, já sei, mas não interessa). Cheguei mais ou menos aonde eu queria. James Dean é a síntese dessa dialética da interpretação no cinema. É o corpo voltando, uma mistura Klaus-Kazan, digo, Klaus Vianna e Elia Kazan. James Dean tem corpo, o que no teatro sempre existiu e que, a partir dos anos 60, 70, passou a se chamar expressão corporal. E nem preciso dizer que é muito mais difícil ter corpo no cinema, no qual os diretores adoram teu rosto e quando querem corpo vão direto no pedaço que querem, fecha na mão dele, corta.

Falou-se muito em Actors Studio, em Lee Strasberg, em Stanislavski (o método de Strasberg seria adaptado das lições do mestre russo). Aliás, "método" virou uma palavra mágica, não existiam mais métodos para isso e para aquilo, métodos de ganhar dinheiro ou de passar camisas, método só significava, pelo menos no mundo das atrizes e dos atores, o sistema (que também se usava às vezes em substituição a método) de interpretação praticado no Actors Studio. O curioso do método é que as primeiras lições de Stanislavski buscavam a construção interior do personagem, as interpretações densas, "psicológicas", ainda não se falava das suas últimas lições, do método das ações físicas. Mas os atores do Actors Studio eram cheios de ações físicas.

E não me digam que estou dando a trejeitos o status de expressão artística. Esse sou eu, o James Dean da foto do colégio. O James Dean verdadeiro não era homem de trejeitos, cada gesto seu estava impregnado de energia e até, por que não, de sentido. O sentido poético, que não é pura lógica, mas explica a seu jeito o que não tem explicação.

James Dean leva para o cinema o ator de todos os tempos, recupera para o close no rosto a existência do dedão do pé, que mexe sei lá que músculo da testa, revive a história do ator desde as carroças, desde Skakespeare — e não falo da má tradição dos declamadores assassinos de Shakespeare —, desde sempre.

Para não sair da América: James Dean coloca na tela do cinema o corpo elétrico cantado por Walt Whitman.

Aderbal Freire-Filho é diretor de teatro.

O Desequilibrista

José Carlos Avellar

De olhos fechados, como quem busca uma imagem num canto escuro da memória, podemos imaginar o cinema da metade da década de 1950 como uma tensão esticada ao extremo, a ponto de arrebentar. A tela tornava-se mais acentuadamente retangular. Aberta. Alongada. Abandonava-se o tradicional formato próximo do quadrado estabelecido pelo cinematógrafo dos Lumière e mantido quase inalterado até mesmo na passagem do mudo para o sonoro e do preto e branco para o colorido. Mas então, 1954, 1955, a imagem se esticava, crescia horizontalmente ao mesmo tempo em que o som saía de trás da tela e se espalhava pelas paredes laterais da sala. Talvez porque a televisão começasse a entrar em casa, como um cinema de pequenas dimensões. Talvez porque equipamentos e materiais começassem a tornar possível a filmagem de planos mais longos e panorâmicos. Talvez porque os filmes buscassem uma opção à narrativa apoiada na montagem de séries de detalhes, a cena recortada em visões parciais para concentrar o olhar nos pontos mais expressivos da ação. Talvez por uma e outra dessas coisas, e por outras mais, não lembradas aqui mas igualmente significativas, a imagem e o som começavam a crescer para os lados.

Para trazer a conversa ao que de fato nos interessa: convém lembrar o que se passava nesse instante para não perder de vista que a tela maior e mais aberta abria espaço para que o ator entrasse em quadro assim como entra em cena no teatro, de corpo inteiro. Não como quem se insere num espaço com limites determinados pela câmera, mas como quem é dono de seu tempo e de seu espaço. Dono: livre para demarcar com seus gestos e movimentos, com sua expressão corporal, as dimensões do espaço dramático.

Para trazer a conversa ao que de fato interessa: talvez se deva dizer que, ao entrar de fato para o cinema bem na metade da década de 1950 — depois de algumas figurações e de participações em seriados de televisão —, James Dean forçou os limites do quadro. Tornou ainda mais aberto o horizontal do formato *scope*.

Foto:
James Dean na casa de seu tio
Marcus em Fairmount, Indiana

Foram três longas filmados em *scope* e realizados em apenas um ano de trabalho. O primeiro, **Vidas Amargas**, ainda não tinha sido exibido comercialmente e ele já quase tinha terminado a filmagem do segundo, **Juventude Transviada**. O terceiro, **Assim Caminha a Humanidade**, estava ainda sendo filmado quando ele morreu, em setembro de 1955, num acidente de carro. O filme de Kazan teve sua estreia nos Estados Unidos em março de 1955. O de Ray começou a ser exibido em outubro de 1955. O de Stevens, um ano mais tarde, em novembro de 1956.

Nos três filmes, o mesmo personagem. Ou personagens da mesma família. O Cal Trask de Kazan, o Jim Stark de Ray e o Jett Rink de Stevens são figuras igualmente marcadas pela recusa de se ajustar ao conformismo da família, aos colegas da escola, ou aos pares da sociedade em que vivem. São em parte os personagens escritos por John Steinbeck, Stewart Stern e Edna Ferber e em parte maior uma adaptação desses personagens ao estilo de interpretação de James Dean — algo assim como se a adaptação dos textos originais tivesse sido feita não por roteiristas, mas pelo ator.

Colada em cima do personagem criado numa imagem verbal, a presença física do ator. Gestos feitos como se o corpo estivesse impedido de se mover, amarrado, acorrentado, numa cela estreita. Gestos que esbarram em paredes invisíveis para expressar uma recusa radical, uma absoluta inconformidade com o mundo. Gestos em lugar de palavras. Movimento equivalente ao de um desequilibrista de olhos vendados no preciso instante em que estende o pé para o fio em que pretende caminhar sobre o abismo.

Quando está de pé, Cal parece que vai cair. Quando caminha, Jim parece estar sendo puxado para trás. Quando dá um passo para a direita, Jet se desequilibra como se, no meio de movimento, antes de o pé tocar o chão, tivesse mudado de ideia e decidido virar à esquerda. Quando sorri, o rosto se contorce como se fosse chorar. Quando os braços caem para um lado, a cabeça se inclina para outro, o corpo forma uma instável linha diagonal sobre o chão. Cal, Jim e Jet expressam sua não conformidade com o espaço em que vivem num gesto desconforme consigo mesmo.

Na tela de cinema então em diálogo direto com o teatro, na cena quase inteira em planos de longa duração, com raros ou mesmo nenhum primeiro plano, o personagem que James Dean colou nas figuras que representou pouco fala e pouco se vale do desenho do quadro. Parece, na verdade, fora do quadro, pelo menos fora do quadro tal como pensado até aquele momento, tal como pensado hoje pela ficção (de muitas falas, de muitos primeiros planos, de pouco espaço para o ator representar com o corpo) feita para televisão. Embora presente e visível dentro do quadro, James Dean em seus filmes atua fora do quadro, solto no espaço. Parece um tanto absurdo dizer assim, mas, como falamos de olhos fechados, vale dizer e dizer de novo o que, embora em quadro, ele representa fora do quadro para representar, numa imagem verbal, o modo como o particular personagem criado por Dean se deu a ver em seus três filmes. Dizer assim para acentuar o quanto ele, em cena, conduzia a câmera em lugar de ser conduzido por ela. Dean soube se inserir no que o cinema começava a buscar então, substituir o ator que representava para a câmera, por um outro capaz de levar a câmera a representar para ele. O tempo da fotogenia terminara. Em lugar de rostos em primeiros planos, figuras na paisagem. Rebeldes. Amargas. Numa paisagem gigante.

A morte num acidente de carro, antes mesmo da estreia do segundo de seus três filmes, apareceu na imprensa como uma continuação de **Vidas Amargas**, ou uma antecipação de J**uventude Transviada** e **Assim Caminha a Humanidade**. Desde então, *unhappy ending*, final antes do começo, ou Cal Trask, Jim Stark e Jett Rink passaram a ser sentidos como heterônimos de James Dean, ou a trágica morte do ator passou a ser sentida como uma projeção ao ar livre do que ele viveu na realidade-outra do cinema, o americano intranquilo, um desequilibrista no instante do passo suspenso à beira do abismo.

José Carlos Avellar é jornalista e crítico.

Foto:
James Dean em **Assim Caminha a Humanidade**

O Outro Lado da Juventude

Luiz Zanin

Os que morrem cedo viram jovens para sempre. Che Guevara, James Dean. Não por acaso, símbolos da rebeldia. Política revolucionária no caso do primeiro; comportamental, no segundo. Ambos presos mais à sua mitologia do que aos fatos concretos de sua vida, estes reinterpretados à fria luz do passar dos anos, com a sabedoria dos velhos.

Morto a bordo do seu Porsche quando tinha apenas 24 anos, James Dean teve sua imagem congelada no tempo. Ficou como ícone da eterna juventude.

Sabemos demais sobre sua pequena obra. Além dos papéis menores em alguns filmes como **Baionetas Caladas**, **O Marujo Foi na Onda**, entre outros, há seus três grandes papéis em **Vidas Amargas**, J**uventude Transviada** e **Assim Caminha a Humanidade**.

Como Che, Dean construiu-se à maneira de ícone. Che é a boina, os cabelos longos, a barba rala, o olhar em fogo, como ficou para sempre na fotografia de Alberto Korda. Aquela foto correu o mundo. Dean é a jaqueta de couro, os jeans, o topete, o olhar insolente. É assim como o vemos e sempre o veremos, independentemente do que possamos pensar dos filmes, ótimos, aliás.

Dean virou logotipo em nossas mentes. O desafio, mas também o tormento interior, transmitido por seus personagens, como o torturado Cal de **Vidas Amargas** ou Jett Rink, de **Assim Caminha a Humanidade**.

Há os fatos de sua vida, claro. A sexualidade ambivalente, os romances tórridos que não terminavam bem, com a sueca Ursula Andress e a italiana Pier Angeli. Conta-se que Dean foi assistir ao casamento de Pier com outro e a esperou à saída da igreja, montado numa moto potente, com seu indefectível casaco de couro e ar *blasé*. Ao vê-la, saiu cantando pneus, de maneira ostensiva.

Mas, enfim, são *flashes* biográficos, que se misturam à lenda e aos personagens dos filmes. Para mim, Dean evoca a rebeldia, claro. Mas me transmite também outra sensação que, de maneira um tanto imprecisa, tento definir como a tristeza da juventude.

Foto:
James Dean em Nova York

Explico: quando chegamos à maturidade, tendemos a associar os verdes anos apenas aos valores positivos, como a energia, a criatividade e também a alegria. Pode ser efeito da nostalgia, pois algo perdido sempre nos parece melhor do que de fato foi. Porque para matizar essa sensação bastaria lembrar da juventude de cada um de nós e do tanto de inquietação que ela comporta, o tanto de incerteza e insatisfação diante da vida.

E, nesse ponto, me lembro de outro nome, do qual James Dean provavelmente nunca ouviu falar em sua curta vida — o do escritor francês Paul Nizan, amigo de Sartre e Merleau-Ponty, e ele próprio morto prematuramente, em 1940, ferido durante a Segunda Guerra Mundial. Nizan deixou um livro maravilhoso, **Aden, Arábia** (publicado no Brasil pela Editora Estação Liberdade) e prefaciado por Jean-Paul Sartre. Nesse livro, Nizan exprime o sentimento a que me refiro, na frase cortante: "Tenho 20 anos, e não deixarei ninguém me dizer que é a mais bela idade da vida."

James Dean, para mim, ficou como símbolo desse mal-estar da juventude, tristeza diante de um mundo que lhe parece hostil, incompreensível, indesejável. Um mundo que ele não sabe se deve mudar ou apenas repudiar. Um mundo que não é o seu.

Luiz Zanin é jornalista, crítico do Jornal O Estado de São Paulo e presidente da Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine).

Foto:
James Dean com sua namorada, a atriz Ursula Andress

Biografia

Mario Abbade

O nome dado a James Byron Dean ao nascer, em 8 de fevereiro de 1931, na pequena cidade de Marion, Indiana, já anunciava involuntariamente o papel que o marcaria tanto em cena quanto longe das câmeras. O herói romântico é cercado de conflitos, inquietação, isolamento, tristeza, lirismo, sensibilidade, perigo e, muitas vezes, acontecimentos trágicos. E o autor que Mildred Wilson, a mãe de Dean, quis homenagear ao batizar o filho, o britânico Lord Byron, entrou para a história justamente como uma vida e obra que são exemplos do Romantismo, com traços como inadequação à sociedade, rebeldia e angústia. Assim como o poeta que lhe emprestou o nome e que encantava Mildred — por sua vez, uma influência fundamental na trajetória do filho —, James Dean foi um herói romântico. Mas foi também um símbolo — eterno — da juventude. E dos anos 1950. E de um jeito de ser e de atuar.

Aos 5 anos, o garoto Jimmy se mudou com a mãe e o pai, o protético Winton, para o subúrbio californiano de Santa Monica, em Los Angeles. Mildred, mãe dedicada que vinha de uma família de fazendeiros metodistas, sabia atender aos desejos do filho,como quando lhe presenteou com um violino e o colocou para estudar dança, o que, é fácil deduzir, não compunha o perfil mais bem-aceito pelos alunos das escolas norte-americanas. Três anos depois da mudança, em 1940, uma perda trágica iria afetar definitivamente a vida de Jimmy Dean: Mildred morre de câncer de útero. A ausência da mãe, aos 9 anos idade, acompanharia para sempre o garoto. Jimmy embarca de mudança, no mesmo trem que leva o corpo de Mildred, para Fairmount, Indiana, onde vai viver na fazenda dos tios Marcus e Ortense Winslow, numa casa de 1904 com 15 quartos. Em novembro de 1943, nasce Markie, o primo que aparece em várias fotos brincando com Jimmy Dean. Seus avós, Emma e Charlie, também moravam ali perto, mas nenhuma companhia seria capaz de preencher a lacuna da solidão de Jimmy Dean.

O garoto cresce ordenhando vacas, apanhando ovos no galinheiro e dando ração aos animais, além

de ter aprendido, aos 10 anos, a dirigir trator com o tio Marcus, que em 1946 lhe dá de presente sua primeira motocicleta. São os primeiros passos do menino do interior rumo a sua ligação com motores e sua paixão pela velocidade. As origens de Dean se refletem em seu poeta preferido, James Whitcomb Riley. O autor é um dos principais nomes da chamada Idade de Ouro da Literatura de Indiana, entre 1880 e 1920, apesar de mais tarde ter sido tachado como um poeta menor. Um dos maiores méritos atribuídos a Riley é sua influência na criação de uma identidade cultural do Meio-Oeste americano. Não por acaso, uma das principais obras do poeta favorito de James Dean tem como tema uma pequena órfã: o poema **Little Orphant Annie**, de 1885, que serviu de base para peças de teatro, programas de rádio e TV e para o cinema.

Além de trabalhar na fazenda da família, James Dean passa a adolescência praticando rugby, mas a maior preferência já antecipava a vocação do garoto: as aulas de teatro na escola. Dean havia entrado em 1945 para a Fairmount High School, onde participou dos times de beisebol e basquete, mesmo com apenas 1,73 m de altura. Nem a estatura, nem outras características foram obstáculos para James Dean: ele chegou a praticar salto com vara e quebrou 15 pares de óculos no esforço de ser bom atleta.

No teatro da escola, os papéis prediletos de Dean eram os de personagens trágicos, malditos, problemáticos — como os que ele soube fazer de modo tão marcante em sua breve, mas definitiva, carreira no cinema. Em 1949, vence o concurso de arte dramática de Indiana, com um capítulo de **O Manuscrito de um Louco**, de Charles Dickens, passando então para o concurso nacional, em que fica em sexto lugar. Depois de terminar o colégio, vai para a Califórnia morar com o pai e a madrasta, Ethel. Entra, em 1950, para a Escola de Artes Dramáticas da UCLA, onde ganha o papel de Malcolm numa montagem de Macbeth, de William Shakeaspeare.

Depois de quatro meses, deixa a UCLA, em 1951, e vai morar com Bill Bast num apartamento em Santa Monica. Trabalha como manobrista e conhece o executivo e produtor Rogers Bracket. Depois de alguns trabalhos, vai para Nova York, onde cursa o Actors Studio, uma das escolas de atores mais prestigiadas da história, que tinha à sua frente Elia Kazan e Lee Strasberg. Dean viajara com uma mala modesta, usando sempre a mesma calça jeans, blusão e sapatos. Depois de morar num hotel perto da Times Square, muda-se para um quarto na Associação Cristã de Moços. Para driblar a solidão, assistia a três filmes por dia.

Ainda em 1952, conhece Jane Deacy, que se torna sua agente. Passa a fazer diversas participações em produções da NBC, da CBS e da ABC. Dean consegue seu papel em **See the Jaguar** e estreia na Broadway. A peça, de N. Richard Nash e produzida por Lem Ayers, é arrasada pela crítica — que, no entanto, aclama Dean como um astro nascente — e sai de cartaz depois de três dias. O ator volta a trabalhar na TV e conhece Barbara Glenn, que se torna sua namorada. Em 1954, Dean é indicado como uma das maiores promessas da temporada teatral, ao fazer um árabe numa trama homossexual adaptada de **O Imoralista**, de Andre Gide, sucesso de crítica e público. Dean, que planejava trabalhar como diretor, levou fama de ator problemático em Nova York, onde também demonstrou, diante de uma intervenção de Lee Strasberg que o fez deixar o Actors Studio, a dificuldade para lidar com críticas, o que já era comum na época dos esportes na escola, onde o professor notara sua suscetibilidade.

Ainda em 1954, Elia Kazan convida Dean, deixando de fora nomes como Paul Newman, para fazer Cal Trask em **Vidas Amargas**, e o ator vai para Hollywood. Com o dinheiro que ganha, compra um carro esporte MG TD. E seu contrato impõe uma restrição para impedir que ele se arrisque como piloto. O misto de doçura e intempestividade de Cal, além da incompreensão de que o personagem é vítima, é retratado de tal forma pelo ator que torna seu primeiro papel no cinema uma referência.

Elia Kazan apresenta James Dean a um ator que o jovem admira, Marlon Brando, outro ícone do Actors Studio. No mesmo ano, Dean conhece também a

atriz Pier Angeli, seu grande amor. Por causa dela, o ator passa a se preocupar com o que veste e deixa de lado seu estilo boêmio. Mas a mãe italiana de Pier não aprova o relacionamento. Depois das filmagens de **Vidas Amargas**, Dean faz a última aparição pública com Pier Angeli e, cinco dias depois, é atingido por um golpe que o abalaria muito: a notícia do noivado da atriz com o cantor Vic Damone.

Menos de dois meses depois, em novembro de 1954, James Dean assiste aos noivos saírem da igreja e parte ruidosamente com sua moto. Em fevereiro de 1955, antes das filmagens de **Juventude Transviada**, compra um Porsche 356 Super Speedster. Em março, compete em sua primeira corrida de automóveis oficial, em Palm Springs. E toma a liderança, que nunca é ameaçada, desde o começo da competição até sair ganhador. A vitória qualificou o ator para disputar numa categoria superior no dia seguinte, quando, apesar de ter ficado em terceiro lugar, também é considerado vencedor, já que os carros que ficaram em primeiro e segundo eram modificados, sem chance de competição para Dean, que mais uma vez correu sem rivais que ameaçassem sua terceira posição durante todo o circuito. Na corrida nacional de Bakersfield, num dos dois dias de disputa, seu terceiro lugar que vale pelo primeiro se repete. Em maio, participa da corrida de Santa Barbara, a última de sua vida, em que Dean teve a performance prejudicada por uma falha no motor.

No mesmo ano, filma **Assim Caminha a Humanidade**, época em que circula com uma das belas mulheres com que esteve, a atriz Ursula Andress. Terminam as filmagens e James Dean compra um Porsche 550 Spyder.

Dean se prepara para participar da corrida de Salinas, cuidando de seu Porsche como quem zela por uma das maiores paixões de sua vida. O ator consegue a companhia de Sandford Roth, que preparava um álbum fotográfico sobre o ídolo, para acompanhá-lo a Salinas. Dia 29 de setembro de 1955, depois de uma sessão privada de **Assim Caminha a Humanidade** na Warner Bros., com as presenças de Elizabeth Taylor e Rock Hudson em trajes de gala e de James Dean, atrasado, vestido com o despojamento habitual, o ator deixa seu animal de estimação com Jeannet Miller, sua namorada. Jeannet iria cuidar do gato Marcus, que foi presente de Liz Taylor e batizado em homenagem ao primo de Dean, até que o ator voltasse da viagem que faria no dia seguinte.

No dia 30 de setembro de 1955, James Dean embarca em seu Porsche com o mecânico Rolf Weutherick para a viagem de Los Angeles a Salinas. No outro carro, um Ford azul, vão o fotógrafo Sandford Roth e Bill Hickman. Dean é parado por dois guardas que o multam por excesso de velocidade, andava a 95 quilômetros por hora. Mais tarde, Donald Turnupseed vem em sentido contrário na estrada e faz a curva fatal, indo de encontro ao Porsche com seu Ford Custom Tudor. "Eu não o vi, por Deus, eu realmente não o vi", declarou o jovem de 23 anos que fez a manobra desastrosa causadora da morte de James Dean. Donald saiu do acidente praticamente sem ferimentos. O mecânico Rolf Weutherick, vítima de fraturas e uma amnésia parcial, pediu indenização por causa da velocidade com que Dean dirigia. E o ator, aos 24 anos, morreu antes de poder ser levado ao hospital. Seu corpo foi sepultado, assim como o de sua mãe, em Fairmount.

James Dean, premiado duplamente com o Globo de Ouro, recebeu duas indicações póstumas ao Oscar, de melhor ator por **Vidas Amargas** e **Assim Caminha a Humanidade**. Mas Hollywood perdeu ambas as chances de premiar o jovem que entrou para a história como um talento eterno. Pior para Hollywood.

Vidas Amargas

Luiz Fernando Gallego

Em 1955, logo após o sucesso de **Sindicato de Ladrões**, o cineasta Elia Kazan lançou a versão do romance **A Leste do Éden**, de John Steinbeck, best-seller de 1952, ano em que Kazan filmou o roteiro do mesmo escritor para **Viva Zapata!**. A presença marcante de Marlon Brando nesses filmes, tal como em **Uma Rua Chamada Pecado** (1951), não foi, entretanto, mais impactante do que o carisma de James Dean em *East of Eden*, título original de **Vidas Amargas**. Estreando como protagonista na tela grande com jeito de "maior abandonado" gauche e sedutor, Dean teve seu rosto jovem eternizado na memória coletiva devido à inesperada e trágica morte seis meses após o lançamento deste filme, aos 24 anos de idade.

A imagem congelada de seu semblante atormentado nos personagens dos três filmes em que teve papéis centrais criou um mito que pode ser debatido à luz de uma das abordagens psicanalíticas do cinema: a que enfoca fenômenos socioculturais decorrentes do enorme investimento libidinal das plateias em figuras marcantes da tela, tal como Freud abordou o lugar do líder no texto de 1921 **Psicologia das Massas** e **Análise do Eu**.

Ator e personagens formaram uma imagem que deu voz manifesta aos impasses latentes da juventude americana criada ao longo da Segunda Guerra Mundial em um sistema de relações familiares e sociais definidas pela atitude distante e rígida de mães submissas a imperativos psicopedagógicos estritos e apagamento da figura paternal (até mesmo ausente devido à guerra).

Sua persona era uma fusão do comportamento instável do 'Jimmy' Dean real com a conduta errática de seus tipos ficcionais, parecendo sofrer muito na escolha de um caminho próprio entre pai e mãe, surgindo como "solução" (e nova questão) a postura do "rebelde sem causa", título original do seu filme seguinte, **Juventude Transviada**, que explode em "fúria de viver" (título francês de *Rebel Without a Cause*).

Mas é em **Vidas Amargas** que o doloroso caminho entre pai e mãe surge de modo radical. O ator ficou

Foto:
James Dean em **Vidas Amargas**

órfão de mãe aos 9 anos, e o personagem ao qual ele deu vida (levando Steinbeck a dizer que "ele é Caleb") também foi criado como órfão de mãe ao lado do irmão gêmeo, Aron. Só que já na abertura do filme (que utiliza apenas o terço final do livro com a evidente paráfrase da narrativa bíblica sobre Caim e Abel), Caleb sabe que a mãe está viva — e bem-sucedida como dona de bordel. Embora seja nomeada Kate, não podia ser outra, em 1954, ou quando a história se passa, em 1917, a imagem da mulher-Eva, atraída pela serpente e deslocando o homem para "Leste do Éden", longe do Paraíso.

Antes de tentar fazer com que a mãe aceite recebê-lo, Caleb almeja sentir-se amado pelo pai, nada sutilmente batizado de Adam. Como no Gênese, Aron/Abel é o filho preferido e Caleb/Caim sofre de inveja pela rejeição mais do que advinda de um mero Adão humano: ela vem da representação de um pai que é como um Deus-pai, leitor da Bíblia e indiferente às perdas financeiras. É na dicotomia entre pai hierático perdendo o patrimônio material e mãe decaída e rica que surge a ênfase do capital nesta trama de um Steinbeck menos voltado para os pobres — como em **Vinhas da Ira**, de 1939, filmado por John Ford em 1940.

É dinheiro o que move o enredo do filme de um Kazan afastado do comunismo e que aceitou denunciar antigos companheiros junto à perseguição do Macartismo — fato pelo qual ficou negativamente marcado a despeito da admiração por sua capacidade de revelar talentos, dirigir atores e desenvolver a narrativa imagética com belos planos no Cinemascope de **Vidas Amargas**.

Em um momento-chave do filme, Caleb quer obter o amor do pai dando-lhe uma boa soma de dinheiro. Quando os EUA ainda não haviam entrado na Primeira Guerra Mundial, ele investiu o que conseguira da mãe em plantações, beneficiando-se da valorização dos alimentos após a entrada do país no conflito. Tal como o Deus bíblico, o pai rejeita a oferenda sacrifical de Caleb/Caim, e Dean desconcertou Raymond Massey, o ator que faz o pai, ao improvisar um abraço desesperado enquanto deixava as notas escorrerem de suas mãos pelas costas do constrangido colega mais velho.

Com a mãe afastada, o triângulo edípico é transferido para o irmão Aron e sua noiva, cada vez mais atraída por Caleb e que se considera uma pessoa "ruim" — tal como Caleb se vê mais herdeiro do caráter materno do que paterno. O aspecto "ruim" autocriticado pela moça e por Caleb é o tema central de **Clamor do Sexo** que Kazan vai filmar em 1960, também situado décadas antes, em 1928. A noiva de Aron o descreve de modo a sugerir que o desejo que ela sente não faz parte do modo como ele se comporta, enquanto Caleb é sempre elogiado como muito bonito e capaz de ter mulheres a seus pés — incluindo esta moça.

Mesmo com limitações na abordagem da sexualidade, face à censura da época, pode-se perceber elementos que guiam e problematizam o sonho americano de sucesso e deixam a impressão de que essas vidas tão amargas foram impressas em dólares e em um misto de desejo e repressão sexuais.

Luiz Fernando Gallego é membro da Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro (ACCRJ) e da Sociedade Brasileira de Psicanálise do RJ filiada à Associação Psicanalítica Internacional fundada por S. Freud.

Foto:
James Dean em **Vidas Amargas**

810-1

Juventude Transviada

Gilberto Silva Jr.

É em meados da década de 1950 que podemos considerar o surgimento de uma "cultura adolescente". Seja na música, com o *rock'n'roll*, seja no cinema, com o advento de filmes como **O Selvagem** (1953) ou **Sementes da Violência** (1955), aqueles jovens, que viviam num limbo entre a infância e a idade adulta, passaram a se encontrar nos longas aos quais assistiam, ao mesmo tempo em que eram descobertos como importante público consumidor. Nessa onda, surgem também novos ídolos, e, se a morte precoce potencializou o culto, antes dela James Dean já marcara sua posição como um desses mitos.

Dito assim pode parecer que **Juventude Transviada** tenha sido algum tipo de filme oportunista a se aproveitar dessa onda então emergente. Muito pelo contrário, trata-se de uma obra cinematográfica superior nos mais diversos sentidos, marcante em sua proposta de retratar honestamente os conflitos de uma faixa etária até então sem uma cara própria no cinema americano. Nicholas Ray foi um cineasta que, desde sua estreia com **Amarga Esperança** (*They Live By Night*, 1949), explorou em sua obra a temática dos jovens oprimidos pela sociedade adulta. Não poderia haver naquele momento um diretor que pudesse estar em maior sintonia com os dilemas adolescentes.

Ray aplica aqui todo o seu senso de criação visual e domínio do quadro na transmissão das sensações e da opressão vivida pelos personagens. Desde sua apresentação, quando uma delegacia filmada de maneira em que as linhas geometricamente retas destacam Jim (James Dean), Judy (Natalie Wood) e Plato (Sal Mineo) como cativos em um mundo que não compreende seus anseios e emoções, Nicholas Ray irá se valer da amplidão da tela em Cinemascope como espelho para a imensidão de uma sociedade na qual não somente os três protagonistas, com também os demais jovens retratados no filme, parecem não se encontrar.

A prosperidade econômica da classe média americana, ascendente no pós-guerra, e a cristalização do sonho do chamado "american

Foto:
James Dean em **Juventude Transviada**

way of life" veio a gerar um quadro social em que as normas de convivência, inclusive as familiares, são determinadas pelo sucesso econômico e pelas aparências. A confusão interior e o turbilhão hormonal/emocional inerente aos adolescentes não têm lugar nesse mundo de rígida superficialidade, em que os adultos (que um dia já foram jovens) lhes são cegos e surdos. As estruturas claramente frágeis das famílias de Jim e Judy, ou, mais gravemente, a ausência total dessa estrutura no caso de Plato, levam os adolescentes a se verem como figuras desnorteadas. Os pais até consideram a adolescência uma "idade na qual nada se encaixa", como destaca a mãe de Judy, mas nada fazem para que seus filhos venham a encontrar esse encaixe.

Surge então a turma ou a gangue como espaço no qual os adolescentes seriam compreendidos, através de uma convivência entre iguais. Porém, também aí os jovens não teriam lugar para serem figuras autênticas. Temos uma nova conformação social na qual estariam sempre representando papéis. Quando Judy e Jim descobrem suas afinidades e desejam conhecer-se melhor, ela diz a ele: "Nunca somos nós mesmos quando estamos com a gangue". Esse novo universo acaba por reproduzir outros rituais opressores, em especial no que se refere a inclusão e exclusão, e, quando essa estrutura desaba, após a morte de Buzz em um ritual de coragem, só resta ao trio protagonista se refugiar e recriar a sua própria estrutura familiar. É o eternamente fragilizado Plato, que, ao espelhar em Jim um objeto de afeição ao mesmo tempo paterno e romântico, em sua visão desesperançada trará um rompimento trágico para esse novo núcleo. Não há como contestar essa figura de pai destacada em um Jim vivido por um Dean já adulto, em contraposição a Mineo e Wood, ainda adolescentes como seus personagens.

O diretor e argumentista Ray e seus roteiristas colaboradores, Stewart Stern e Irving Shulman, são sábios em condensar a ação dramática em um tempo narrativo pouco maior que 48 horas e em poucos personagens que retratam um microcosmo de situações pertinentes a um todo do universo adolescente. E, mesmo quando pouco sutis, as referências visuais criadas por Ray destacam ao mesmo tempo a impotência e o destino trágico de seus personagens. Como se não bastasse ser um grande filme, **Juventude Transviada** cria todo um universo icônico a ser não somente determinante de hábitos e costumes (vide as camisetas e a jaqueta vermelha usadas por James Dean), mas também referenciado em praticamente todo e qualquer filme que se passe na mesma época.

Ícone maior de todos, James Dean tem aqui uma atuação definitiva que, se não difere muito do Cal de **Vidas Amargas** ou do Jett de **Assim Caminha a Humanidade**, traz em sua essência a marca de um ator de personalidade, mas claramente ainda em processo de formação, e nos faz vislumbrar o quão grande ele poderia ter sido se não tivesse partido prematuramente.

Gilberto Silva Jr. é jornalista, crítico de cinema da revista Interlúdio (www.revistainterludio.com.br) e membro da Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro (ACCRJ).

Foto:
James Dean com a atriz Natalie Wood e o diretor Nicholas Ray em **Juventude Transviada**

Assim Caminha a Humanidade

Rodrigo Fonseca

Apresentado pela escritora Edna Ferber (1885-1968) como "uma curiosa mistura de gentileza e violência, hospitalidade e arrogância", o Texas retratado no longa-metragem **Assim Caminha a Humanidade** (1956) oferece poucas chances a transviados. Por isso, ao longo de seus 201 minutos, James Dean aparece sem brilhantina no topete e sem armaduras de couro. Sua rebeldia perde a estilização roquenrol modelo anos 1950 e ganha um design mais retrô, meio caubói, *à la* Gary Cooper, exalando testosterona sem nunca expor fragilidade. Ele precisava ser o contraponto ao bom-mocismo de Rock Hudson (1925-1985) numa espécie de épico sobre as pequenezas da aristocracia rural de uma região americana onde saber perder é uma arte que precisa ser exercitada em grande estilo, mimetizando a imensidão de uma geografia associada aos bravos.

É esse o mundo que o cineasta californiano George Cooper Stevens (1904-1976) retirou do romance homônimo de Edna, um *best-seller* encarado como um **...E o Vento Levou** (1939), de Victor Flemming, em versão texana (e mais viril). O livro foi devorado por leitores em todos os pontos do território americano, sendo digerido com azia apenas no próprio Texas, que foi mais gentil com o filme, cuja produção consumiu um orçamento de US$ 5,4 milhões financiado pelos estúdios Warner. Reza a lenda, alimentada pelo produtor George Stevens Jr., de que seu pai trabalhou no projeto por três anos, sem embolsar um tostão sequer, por conta de um acordo mefistofélico com Jack Warner (1895-1981). No pacto entre eles, papai Stevens abriria mão de seu cachê em troca de ter controle total da criação e da edição de **Assim Caminha a Humanidade**, sendo merecedor de um percentual gorduroso das bilheterias. Valeu o escambo: o filme arrecadou cerca de sete vezes mais do que custou, totalizando US$ 35 milhões de faturamento. O mérito todo do êxito foi creditado pela Warner (e pela história, vaticinada por críticos e teóricos) a Stevens, que ainda abocanhou o Oscar de melhor diretor por seu trabalho, que, entre outros achados, tirou de Dean a sua maior interpretação na telona.

Foto:
James Dean em **Assim Caminha a Humanidade**

Stevens teve que convencer Edna de que seu livro (com estrutura narrativa multinuclear, típica de novelas geracionais) poderia render um espetáculo audiovisual rico para se construir um painel da sociedade americana do interior do país. E, na direção, o cineasta foi coerente com o modelo de épico que a literatura *made in USA* tanto saboreia, indo de Theodore Dreiser (**An American Tragedy**) a Jonathan Franzen (**Liberdade**): os mosaicos históricos e econômicos centrados numa disputa entre tradição e modernidade. O Texas serve de planisfério para que o cineasta, usando a prosa de Edna como sua argamassa, faça um mapeamento de convenções sociais e cartilhas morais em transição. Afluentes monetários tornam o papel de Dean essencial à dinâmica analítica de Stevens.

Rodado ainda em locações na Virgínia e na Califórnia, nos estúdios da Warner, em Burbank, o filme começa em 1923, quando o latifundiário Bick Benedict (Hudson, num desempenho arrebatador) deixa sua fazenda sob os cuidados de sua irmã, Luz (Mercedes McCambridge), e vai até Maryland, para comprar um cavalo premiado. De lá, além do alazão, Bick traz a dona do puro-sangue, Leslie (Elizabeth Taylor, com seu olhar violáceo), uma jovem liberal que detona um embate ético ao mergulhar no tradicionalismo texano. Luz é a primeira a se queixar da moça e de seus modos libertários de ser e de pregar o respeito às diferenças. Mas, com 21 minutos de filme, surge em cena, encostado num cabriolé, um peão que vem deixar Leslie (e a plateia) com taquicardia: Jett Rink (Dean), protegido de Luz e alvo das antipatias burguesas de Bick.

Com a morte de Luz, Jett herda dela, por decisão lavrada em testamento, um quinhão de terras, o qual o caubói mede com pegadas, numa sequência memorável, capaz de sintetizar o espírito mesquinho de um "novo rico". Mesmo com um ranchinho para chamar de seu, Jett continua desejando o patrimônio mais valioso que Bick possui: Leslie. Esta, entretanto, assume um papel de mãe, dando ao marido três novos Benedict: um casal de gêmeos, Jordan e Judy (vividos por Dennis Hopper e Frann Bennett), e a viçosa Luz II (Carroll Baker).

Para o dissabor de Brick, Jett encontra petróleo sob o solo de sua propriedade. A tomada da primeira ejaculação de ouro negro no minifúndio do caubói, besuntando Jett com o enegrecido óleo da fortuna, transformou-se na imagem mais emblemática da produção. Agora rico, Jett esfrega sua fortuna nas fuças do rival, tentando (em vão) atrair Leslie e enfeitiçando Luz II. Com o passar dos anos, a prosperidade financeira de Jett só faz crescer, assim como seu apetite pelo álcool, fazendo do rancheiro um bêbado contumaz.

Bick, por sua vez, vê os anos acelerarem no desgosto ao perceber que seu único filho homem, Jordan, não se interessa em seguir os negócios da família, preferindo ter uma formação acadêmica. Assim como Jett envelhece no álcool, Bick cresce destilado em seu racismo e em sua indiferença aos latino-americanos egressos do México que vão adotando o Texas como lar e fonte de rendas. É Leslie quem vai diluindo sua xenofobia, culminando numa troca de socos e pontapés com um dono de lanchonete racista.

Entre cenas memoráveis como a de Bick na janela do trem que o leva até Maryland ou a da morte de Luz, Stevens exercita uma narrativa de sugestões e de elipses. Nem tudo o que é mostrado pela câmera na fotografia de William C. Mallor (1903-1963) tem um único sentido. Existem contrapontos em cada gesto, em cada diálogo. O que ora parece western transforma-se em drama familiar. George esbanja genialidade ao flagrar contrastes e captar as transformações comportamentais trazidas pelo torvelinho da história, no advento de uma nova época. Ao mesmo tempo, o cineasta faz da sutileza um cinzel para esculpir o envelhecimento de seus personagens, escavando sulcos do ressentimento no rosto de Jett, sob as bênçãos solenes de Dean.

Rodrigo Fonseca é crítico de cinema, escritor e membro da Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro (ACCRJ).

Televisão

Carlos Brito

Antes de chegar à tela grande e se transformar em um ícone de rebeldia e inconformismo, cuja representatividade ganha força a cada vez que se assiste a seu trabalho, James Dean precisou afiar sua capacidade de interpretação em outro veículo: a televisão. Entre 1951 e 1955, ele participou de pelo menos 33 programas televisivos — telefilmes, seriados e histórias curtas registradas no formato de teleteatro.

Foi o professor de teatro James Whitmore, com quem teve aulas de interpretação enquanto ainda vivia na Califórnia, que sugeriu a Dean ir para Nova York tentar a sorte nos programas de TV e teleteatros ao vivo, muito populares naquela época e quase sempre patrocinados por alguma empresa. O então futuro astro havia concluído que sua carreira não havia chegado a lugar algum e também não estava mais satisfeito com a rotina de estudante da UCLA. Não demorou a se decidir. Em setembro de 1951, James Dean chegou a Nova York, com pouco mais de US$ 100 no bolso.

Um dos primeiros papéis veio numa atração religiosa chamada **Hill Number One**, no programa "Family Theater", um especial televisivo do grupo cristão Family Rosary Crusade. Dean interpreta — numa aparição que se resume a quatro linhas de diálogo — o profeta João Batista.

É possível destacar algumas produções durante esse período. Em 1953, o ator interpreta o mecânico Joe Harris, um ex-presidiário que quer seguir uma vida honesta, mas acaba, involuntariamente, voltando ao mundo do crime em **A Long Time till Dawn**, apresentado no "Kraft Television Theater". O roteiro era de Rod Serling, que seis anos mais tarde iria conceber a série **The Twilight Zone — Além da Imaginação**.

Em 1954, Dean faria duas participações marcantes contracenando com atores que, posteriormente, se tornariam conhecidos por motivos diferentes. Em **I'm a Fool**, apresentado no "General Eletric Theatre", ele interpreta Walter Mathers, um rebelde que se apaixona pela jovem Lucy Wessen, vivida por ninguém menos que Natalie Wood. Ou seja,

esse especial antecipou em um ano o par romântico que seria eternizado no cinema em **Juventude Transviada**, de Nicholas Ray.

Menos de um mês depois, ele voltaria ao programa para interpretar um bandido que invade a casa de um médico. Aqui, Dean contracena com Ronald Reagan, que, além de ator, também era o apresentador do "General Eletric Theatre", já mostrando suas ligações com grandes grupos empresariais americanos que o ajudariam a chegar posteriormente à presidência do país, em 1981.

Voltando a 1952, encontramos **Ten Thousand Horses Singing**, especial exibido dentro do programa "Studio One". Ali, Dean dá uma amostra de como sua postura rebelde não se limita apenas a seus personagens. No programa, ele interpreta um *bellboy*, jovem carregador de malas em hotéis. Originalmente, Dean não tinha sequer uma linha de fala na história. No entanto, quebra as regras e consegue emplacar duas palavras: um '"Yes" — quando o gerente pede que ele leve a bagagem do protagonista, interpretado por John Forsythe — e um "Ten", quando fala com o ascensorista. Nesse momento, é visível o olhar de desaprovação que Forsythe lança sobre Dean. Ele sabia que, pelo script, o jovem ator não tinha falas. No entanto, como se tratava de uma atração transmitida ao vivo, nada podia fazer para impedi-lo.

Em 6 de maio de 1955, a CBS levou ao ar um episódio do "Schlitz Playhouse of Stars" chamado **The Unlighted Road**. Dean interpretava um jovem retornado da Guerra da Coreia que decide viver uma vida tranquila. Após conseguir emprego numa cafeteria de beira de estrada e encontrar aquela que parece ser a mulher da sua vida — interpretada por Patricia Hardy —, seu personagem acaba envolvido numa série de eventos que, por fim, o levam a ter contato com o mundo do crime. Este é considerado um dos melhores trabalhos televisivos do ator.

Há ainda outros quatro programas de TV nos quais Dean entrega belas interpretações. Curiosamente, todos representando personagens que têm, de uma forma ou de outra, ligação com o crime.

Num dos episódios de "The Big Story" — série que dramatizava crimes e outras situações reais solucionadas por repórteres —, em 1953, ele vive um dos integrantes de uma gangue de jovens delinquentes.

Em **Glory in the Flower**, também de 1953, Dean é um jovem de comportamento agressivo que acaba preso por porte de maconha. A canção que serve de trilha é "Crazy man, crazy", que pouco depois se tornaria um grande sucesso de Bill Halley & His Comets — eternizado na história da música com "Rock around the Clock", pedra fundamental do rock and roll e trilha do posterior **Sementes de Violência** (1955), de Richard Brooks.

Em **Keep our Honor Bright**, ainda em 1953, o personagem de Dean enfrenta um dilema moral. Ele interpreta um estudante que é flagrado colando numa prova e acaba expulso da escola.

No episódio 9 da segunda temporada de "The United States Steel Hour", Dean é visto em **The Thief**, de 1955. E contracena com Mary Astor, uma das primeiras estrelas de Hollywood, e Paul Lukas, que havia vencido o Oscar na categoria de melhor ator em 1944 por **Horas de Tormenta** (1943), de Herman Shumlim e Hal Mohr. Nesse teledrama, em que interpreta um homem condenado injustamente, conseguiu arrancar críticas entusiasmadas por sua atuação.

Paralelamente, foi durante esse extenso período televisivo que Dean fez pequenas participações em pelo menos quatro longas. Três deles dirigidos por cineastas cujas realizações os transformaram em autores admirados até hoje. A primeira delas foi em 1951, numa rápida aparição no drama de guerra **As Baionetas Caladas**, em que sua presença não é creditada. A direção é do mestre Samuel Fuller, de **Paixões que Alucinam** (1963) e **O Beijo Amargo** (1964).

No ano seguinte, Dean faz mais uma aparição sem crédito: em **O Marujo foi na Onda**, do diretor Hal Walker e protagonizado por Dean Martin e Jerry Lewis, ele pode ser visto rapidamente como o assistente de um boxeador. Ainda em 1952, nós o

encontramos fazendo uma minúscula participação em **Sinfonia de Amor**, do rei do melodrama Douglas Sirk.

Já em 1953 — ano no qual faz uma grande quantidade de trabalhos —, Dean foi um anônimo espectador de uma partida de futebol americano em **Atalhos do Destino**, de Michael Curtiz (do clássico **Casablanca**). Essa participação guarda uma curiosidade: por mais que o público se esforce, é praticamente impossível vê-lo no meio da multidão. Pesquisadores dizem que, entre as dezenas de cenas com espectadores, a dele foi cortada na edição.

Nessa época de pontas cinematográficas, houve outro caso curioso: Dean teria participado, em outra aparição não creditada, em **A Hora da Vingança**, de Richard Brooks, em 1952. A diferença é que, nesse caso, sua presença no filme sequer é confirmada. Um caso que invadiu o território da lenda.

Bem antes, em 1950, ele já havia aparecido rapidamente como um dos felizes jovens que tomam Pepsi num comercial do refrigerante. Avançando cinco anos, em 1955, numa propaganda de serviços públicos realizada durante as filmagens de **Assim Caminha a Humanidade**, Dean fala sobre os perigos da direção em alta velocidade nas rodovias. Ao fim do comercial, ele se dirige diretamente ao público e faz um pedido: "Dirija com cuidado. A vida que você pode salvar talvez seja a minha". Infelizmente, não foi.

Premonitório, irônico e triste.

Carlos Brito é jornalista, repórter especial, crítico de cinema do jornal O Dia e membro da Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro (ACCRJ).

Foto:
James Dean em Nova York

Documentários

Filippo Pitanga

Logo no início do documentário **James Dean: Forever Young** (2005), de Michael J. Sheridan, ao ritmo da música homônima na voz de Rod Stewart, o narrador Martin Sheen já descreve perfeitamente o astro: "Apesar de ter feito apenas três filmes e morrido antes do 25º aniversário, seu talento único o catapultou para o status de ícone cultural internacional". E, até hoje, minúcias e filosofias que tentam desvendar seu fascínio imortal são destrinchadas não só num, mas em inúmeros documentários, que não cessam de ser lançados desde sua morte até os dias de hoje.

Forever Young é um dos mais completos em termos de referências biográficas. Sem depoimentos de familiares ou amigos, prefere abordar todos os aspectos da curta carreira de Dean, com raras imagens de arquivo. Desde sua vida boêmia, em que estudava expressões alheias e acumulou importantes contatos profissionais, a aparições em comerciais, programas de TV e peças. Já **Forever James Dean** (1988), de Ara Chekmayan, também linear, acrescenta depoimentos, como o da atriz Julie Harris, que compara o ator muito apropriadamente a um cometa que passou pela Terra do qual ninguém jamais vai se esquecer.

A primeira obra a ser feita após a morte do astro, **The James Dean Story** (1957), do mestre Robert Altman em codireção com George W. George, apenas alude a algumas passagens, focando mais em suas origens e questões existenciais, a partir de depoimentos exclusivos de familiares sobre o que teria impulsionado as ações de Dean. Um exemplo é o modo como sua autenticidade representou tudo o que é ser jovem e toda a inquietude rebelde de crescer.

Talvez os estudos que contenham mais depoimentos de famosos sejam **Real James Dean** (2006), de Gary Legon , com atores como Dennis Hopper e Rod Steiger, e o ainda mais emotivo e intimista **James Dean: Memórias de um Rebelde** (2005), de Gail Levin , com Martin Landau, Eartha Kitt e até uma preciosa participação do diretor Elia Kazan, que o descobriu. Este já parte direto para os três

Foto:
James Dean com os troféus que ganhou nas corridas em sua casa no distrito de Sherman Oaks, Los Angeles

simbólicos filmes do ator e entremeia o material com uma analogia entre seus papéis e sua vida.

Uma visão mais jovial e dinâmica, produzida no Brasil pelo GNT.Doc para alcançar as gerações que só estão ouvindo falar do gênio agora, é **Os Últimos Dias de um Ícone: James Dean** (2010). O documentário tem uma narração, de Thiago Lacerda, que pretende mostrar a identificação de Dean com a rebeldia norteadora que atravessa todas as épocas.

Por último, uma produção serve como metáfora para o próprio Dean, pelo título e pela forma como foi feita: **James Dean: Born Cool** (2002). O diretor Denn Pietro foi tão descolado quanto seu homenageado ao seguir tendências e colocar seu trabalho disponível no YouTube. Além de ser o primeiro produzido pelo primo de James Dean, Marcus Winslow, responsável pelo legado do ator, põe o importante acervo à disposição pelo fato de muitos dos envolvidos já terem morrido. E, definitivamente, a memória desse símbolo tão influente merece ser destinada ao uso de futuras gerações.

Filippo Pitanga é advogado, crítico de cinema do Almanaque Virtual (almanaquevirtual.uol.com.br) e membro da Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro (ACCRJ).

Foto:
James Dean com a atriz Pier Angeli, que ficou conhecida como o grande amor de sua vida

Publicações

Breno Lira Gomes

A vida de James Dean — que evitava exposição e, como um típico jovem criado no interior dos EUA, fazia o tipo reservado — não era um livro aberto, mas assim se tornou depois que ele morreu. Diante da comoção com a tragédia, a consequência foi publicações oferecerem ao público aquilo que ele queria: a história de vida de um jovem ídolo morto.

Um dos primeiros livros publicados sobre o eterno rebelde sem causa foi **James Dean** ou **A Dor de Viver**, do jornalista francês Yves Salgues. Lançado 15 meses após sua morte, o livro buscava conhecer quem era o rapaz de Indiana que em pouco tempo conquistou os palcos da Broadway e as telas do cinema. Sucesso mundial de vendas, a obra de Salgues se tornou leitura obrigatória para os fãs.

William Bast também foi um dos primeiros: não perdeu tempo e, por ser amigo do ator, providenciou um relato intitulado **James Dean — A Biography**, em que narra os momentos de convívio, os namoros, a vida de um James Dean que só ele conhecia. Anos depois, lançou também **Surviving James Dean**, em que abordou um lado do ator que gera muita discussão: a sexualidade. Nesse novo relato, afirma ter sido amante de James Dean, contrariando tudo que disse anteriormente e sem apresentar prova de sua segunda versão.

Teve quem escreveu que Dean era bissexual. Outros afirmam que era gay. E amigos próximos dele dizem que tudo isso é mentira, especulação. Ronald Martinetti, em **James Dean**, chega a apresentar um amante, Rogers Brackett Mas também há uma declaração enfática de Martin Landau dizendo que Dean não era gay e que qualquer situação do gênero que tenha acontecido se devia ao único objetivo de facilitar a entrada do ator para o cinema.

Em vida, Dean evitava a imprensa e os fotógrafos de celebridades. Das imagens do jovem astro, a grande maioria foi feita por fotógrafos que eram amigos de Dean. Muitas foram reunidas em belas publicações como **James Dean — Fifty Years Ago**, de Dennis Stock. A lente de Stock registrou a intimidade de Dean, desde uma visita à família em Fairmount, passando por idas ao barbeiro, aulas de dança e

no Actors Studio, cafés e cigarros. Dois registros são marcantes: um é a célebre foto de Dean de sobretudo preto nas ruas de uma chuvosa Nova York; e o outro, uma série de fotos feitas meses antes da morte do ator, com ele dentro de um caixão. O que pode ter sido a princípio mera brincadeira soou como uma premonição mórbida.

Outro fotógrafo amigo, Sanford Roth, também fez belos registros do ator, reunidos no livro **James Dean**. Roth estava com Dean no dia de sua morte. Ele o acompanhava na fatídica viagem para Salinas. E sua câmera fez o último registro em vida do menino de Indiana pilotando seu Porsche Spyder "little bastard", sumindo em alta velocidade na imensidão da estrada californiana.

Existem várias outras imagens que exploram a intimidade de Dean e suas expressões marcantes. Na série Movie Icons, da Taschen, o livro **Dean** é recheado de fotos com pequenas legendas informativas. **A Max Photo Book James Dean** traz várias fotografias em formato de postal, que podem ser destacadas pelos fãs. Em **James Dean — A Tear-Out Photo Book**, os editores também recorreram às fotos que destacam para oferecer pequenos posters com a imagem de Dean. **James Dean — Poster Book** tem fotos em tamanho maior, para que os admiradores mais ardorosos preencham as paredes de seus quartos. Em **James Dean, Timothy Jacobs** reúne fotografias e informações relevantes sobre o ator. E, no elegante **James Dean: Photographs**, Axel Arens oferece uma compilação das imagens mais marcantes de Dean.

Vários temas são explorados, como em **James Dean in Death: A Popular Encyclopedia of a Celebrity Phenomenon**, que apresenta a vida do astro em verbetes; **James Dean on Location**, que traz os registros fotográficos das locações e de bastidores dos três longas que Dean estrelou; **James Dean: American Icon**, de David Loehr, fundador da James Dean Gallery, que reuniu mais de 250 itens, entre fotografias, correspondência, cartas para as namoradas, cartazes dos filmes e imagens de objetos referentes ao ator; e, no Brasil, com o lançamento da Martins Fontes **James Dean por Ele Mesmo**, uma compilação de matérias jornalísticas e trechos de livros. A paixão de James Dean pela velocidade também foi tema de publicações, como **James Dean: At Speed**, de Lee Raskin, e a curiosa história em quadrinhos **James Dean: The Untold Story of a Passion for Speed**, de Philippe Defechereux e Jean Graton. Antonio Bivar lançou no começo dos anos 1980 a sua análise sobre vida e obra do ator em **James Dean — O Moço da Capa**.

Das centenas de publicações, talvez a mais emocionante seja **James Dean**, organizada por George Perry. O livro é o oficial da família do ator. Estão reunidas fotos caseiras, e não apenas as feitas pelos amigos fotógrafos. Também há cartas, bilhetes que Dean trocava com o pai, os tios e o primo. Publicado nos 50 anos de morte de Jimmy Dean, o livro emociona por ter relatos honestos de quem realmente conviveu com o jovem rebelde, demonstrando, com provas, que eram verdadeiros os relacionamentos amorosos de Dean com as mulheres, bem diferente dos relatos fantasiosos de que os romances teriam sido invenções dos estúdios. Especulações, fofocas, mentiras.

Breno Lira Gomes é jornalista, produtor cultural e diretor da BLG Entretenimento. Foi curador das mostras El Deseo – O Apaixonante Cinema de Pedro Almodóvar e Cacá Diegues – Cineasta do Brasil. É curador e produtor dos festivais Curta Cabo Frio e Maranhão na Tela. Desde 2010 é produtor executivo da mostra Os Melhores Filmes do Ano.

Foto:
James Dean em uma loja de caixões em Fairmount, Indiana

Ícone Pop

Raphaela Ximenes

Um grande ícone pop é aquele que transcende o seu tempo, que continua inspirando as gerações futuras, da mesma forma em que encerra em si todo o conceito da era em que viveu, como uma perfeita definição de tal época. Dentro dessa definição, poucos se encaixam tão bem como James Dean, o "rebelde sem causa". Não há como pensar nos anos 50 sem lembrar-se de Dean.

Dean é fruto da sociedade e da época em que viveu. Jovem, belo, não aceitava as convenções, constantemente quebrava regras, dentro e fora das telas. Sua personalidade forte misturava-se aos personagens que viveu, o que criou uma aura à sua volta. O estilo de vida irreverente, a morte prematura e todo o mistério ao redor de sua vida pessoal contribuíram para o nascimento do mito — um mito romântico, que até hoje inspira o mundo. Pois Dean terá para sempre 24 anos e para sempre será grande influência de jovens que não se contentam com o conformismo, que acreditam que a vida deve ser vivida de forma rápida, despreocupada e com muita intensidade.

A partir de 1955, qualquer filme, série, livro ou conto em que existir um personagem rebelde, charmoso e misterioso, deve ser inspirado em James Dean. O ator tornou-se sinômino desse estilo. Sua imagem ganhou tal força que a publicidade rapidamente percebeu que deveria absorvê-lo e traduzir isso em produtos. Alguns óbvios, como carros, motos, cigarros, ou até canivetes. Nada poderia ser tão perfeito para "vender" um produto do que um eterno jovem. Outra grande influência do estilo Dean aconteceu na moda: calças jeans, camiseta branca e jaqueta de couro — vermelha, e não preta, como convinha a um rebelde — tornaram-se peças necessárias no guarda-roupa de todos os jovens do mundo. Como uma declaração para marcar posição, calça jeans e camiseta sempre serão a principal forma de a juventude se identificar, mostrar que deseja se afirmar e que ainda acredita que pode mudar o mundo.

Jovens como James Dean decidiram e mostraram que deveriam viver como queriam,

Foto:
James Dean em **Assim Caminha a Humanidade**

indo contra o sonho de se encaixar em uma vida pretensamente perfeita, criando seus próprios destinos e deixando claro para o mundo que não é ruim pensar por si próprio.

Quando as ideias mudam, tudo à sua volta também o faz. Assim, a moda mudou junto. O que era roupa de operários transformou-se em estilo de vida. A partir desse momento, multidões passaram a vestir-se como Dean, todos aqueles que queriam ser como seu ídolo, impondo seus gostos e destacando-se. E, até hoje, grandes estilitas, como Dolce & Gabbana, lançam coleções inteiras concebidas a partir do estilo do artista. Recentemente, a marca norte-americana Bench & Loom reproduziu o casaco que Dean usa no filme **Assim Caminha a Humanidade**, de 1956. Foram feitas apenas 30 peças, todas vendidas rapidamente, ainda que não fossem baratas.

A força do ícone pop James Dean é tão grande que sua imagem virou uma marca impressionantemente rentável. De acordo com a Revista Forbes, a "marca" James Dean rende em torno de US$ 5 milhões por ano. Além de os filmes do ator até hoje serem uma lucrativa fonte de renda para o estúdio que os lançou, documentários e livros sobre ele também conseguem ser bem-sucedidos, porque sempre existirão pessoas curiosas sobre sua vida, tão curta e tão intensa — não apenas fãs do ídolo e amantes do cinema, dada sua importância e representatividade, mas também aqueles que apenas se identificam com sua história e imagem. Nesse universo, também está a memorabilia do ator. Canecas, pratos, miniaturas de Dean e de seu carro "little bastard" estão entre os produtos desejados por aqueles que o admiram — e que contribuem para juntar os milhões de dólares anuais aferidos pela Forbes.

Músicas também foram compostas com inspiração em James Dean, desde a canção "James Dean", da banda Eagles, lançada em 1974, passando por "We Didn't Start The Fire", de Billy Joel, "Daddy's Speeding", do Suede, e "Electrolite", do R.E.M., chegando a um ícone pop atual, a cantora Lady Gaga, com sua canção "Speechless", entre inúmeras outras.

Definição privilegiada de o que seria um ícone pop, James Dean brilha no olimpo das estrelas que ultrapassaram suas próprias existências, tornando-se ídolos. Ao lado de nomes como Elvis Presley e Marilyn Monroe, Dean se destaca como alguém que vive além de sua própria existência, que se torna imortal por conseguir permanecer na mente de muitos por tanto tempo, inclusive nas gerações futuras, consolidando-se assim não apenas como ícone pop, mas como ídolo eterno.

Raphaela Ximenes é jornalista, crítica de cinema do Almanaque Virtual (almanaquevirtual.uol.com.br) e membro da Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro (ACCRJ).

James Dean por Ele Mesmo

"Minha mãe morreu deixando tudo nas minhas costas."

"Quando um ator interpreta uma cena exatamente da forma como o diretor manda, isso não é atuar. É seguir instruções. Qualquer pessoa com as qualificações físicas pode fazer isso."

"Representar é para mim a maneira mais lógica de me livrar de minhas neuroses. Os atores representam para expressar suas fantasias e os fantasmas de que são prisioneiros."

"Só os gentis são verdadeiramente fortes."

"Ser um ator é a coisa mais solitária no mundo. Você fica sozinho com sua concentração e imaginação, e isso é tudo o que você tem."

"Ser um ator não é fácil. Ser um homem é ainda mais difícil. Quero ser os dois antes de morrer."

"Estudar vacas, porcos e galinhas pode ajudar um ator a desenvolver seu personagem. Tem um monte de coisas que aprendi com os animais. Uma delas foi que eles não podem vaiar nem assobiar para mim."

"Um ator precisa interpretar a vida, e para fazer isso deve querer aceitar todas as experiências que a vida tem a oferecer. Na verdade, ele tem de procurar mais coisas da vida do que a vida lhe oferece."

"Entender o significado completo da vida é obrigação do ator; interpretar isso é problema dele; e expressar isso é a sua dedicação."

"As pessoas me diziam que eu me comportava como Brando, antes que eu soubesse quem era Brando. Não fico chateado com a comparação, nem lisonjeado. Tenho minha própria rebelião pessoal, e não preciso me apoiar na de Brando."

"Vim para Hollywood para representar, não para agradar a sociedade."

"Pier é uma garota especial. Ao contrário das mulheres em Hollywood, ela é sincera e autêntica. Consigo conversar com ela. Ela entende. Ela tem uma alma bonita. A gente fica admirado. Beleza estonteante em estado puro. (...) De qualquer forma, a velha dela não vai muito com a minha cara. Não posso dizer que a culpe. (...) Alguma coisa aconteceu. Acho que foi quando voltei a Nova York depois de terminar as filmagens: a família e os amigos ficaram falando na orelha dela até que mudasse de opinião a meu respeito. Eu fiquei terrivelmente ferido por um tempo em relação a Pier — mas estou bem agora."

"Brigávamos como cão e gato. Não, pensando bem, como dois monstros. Mas conseguíamos nos divertir. Ursula não aguentava nada de mim, e eu não aguentava nada dela. Acho que ambos éramos muito egoístas."

"Viver o mais intensamente, arriscar sempre. Se tivesse 100 anos para viver, eu ainda não teria tempo para fazer tudo o que quero fazer."

"Sonhe como se fosse viver para sempre, viva como se fosse morrer amanhã."

"Existe apenas uma forma de grandeza para um homem. Se um homem puder ultrapassar o abismo entre a vida e a morte, quero dizer, se ele conseguir viver depois que morreu, então, talvez, seja um grande homem."

"Quero crescer longe do mundo mesquinho em que existimos."

"Um dos impulsos mais profundos do ser humano é o desejo de ser apreciado, a vontade de ser amado, estimado, e ser uma pessoa procurada."

"Gosto dos animais porque me aceitam tal como sou. Ou gostam, ou não gostam de nós, mas nunca nos julgam."

"Existem algumas coisas na vida que simplesmente não podemos evitar, atraímos nosso próprio destino... fabricamos nossa sorte."

"Não entendo como as pessoas conseguem ficar na mesma sala em que eu. Sei que eu não aguentaria a mim mesmo."

"Quando falam sobre o sucesso, falam sobre chegar ao topo. Bem, não há topo. É preciso continuar sempre, nunca parar em ponto nenhum."

"É próprio do homem ser prisioneiro de miragens que estão fora de seu alcance."

"Quando estou correndo é o único momento em que me sinto inteiro."

"Dirija com cuidado. A vida que você pode salvar talvez seja a minha."

"Dê uma boa olhada em mim. Você pode não ter essa chance novamente."

"A morte é a coisa que mais respeito na vida. É a única inegável verdade inevitável. Todo o resto pode ser questionado, mas a morte é a verdade. Nela reside a nobreza de um homem e, além disso, a única esperança."

"'Uma hora de glória vale uma vida inteira sem nome'. Alan Seeger, poeta. É essa a frase que quero em minha lápide, está percebendo? É o que quero escrito..."

"Acabei de fazer um filme sobre a segurança nas estradas. Algum jornalista idiota vai adorar saber disso."

Nota: Ao ser multado por um policial rodoviário por excesso de velocidade três horas antes do fatídico acidente que lhe tirou a vida.

“Aquele cara precisa parar. Ele tem de ver a gente.”

Nota: Foram as últimas palavras de James Dean, ditas ao carona no banco ao lado — o mecânico Rolf Weutherich — antes da colisão de seu Porsche com um carro dirigido pelo estudante universitário Donald Turnupseed, quase cego pelo sol que batia direto no para-brisa.

Foto:
James Dean em **Juventude Transviada**

HENRY E.
PAY
1861—1936

Citações

"Ele foi o único homem que amei profundamente, do modo como uma mulher deve amar um homem. Jamais amei meus maridos do mesmo jeito. Tentei, mas nunca deu certo. Eu acordava no meio da noite para descobrir que havia sonhado com Jimmy. E tive que me separar porque não creio que se possa amar um homem — ainda que morto — e morar com outro."
Pier Angeli, atriz, para a National Enquirer antes de cometer suicídio aos 39 anos — em 1971 — com uma overdose de barbitúricos.

"Aqui começa a tragédia."
Ernest Hemingway, escritor, quando Dean morreu.

"A morte de James Dean teve um efeito profundo em mim. No instante em que soube, eu vomitei. Não sei por quê."
Montgomery Clift, ator

"Ele era eu. Eu era ele. Nunca o considerei nem como um concorrente nem como um igual. Nunca há concorrentes nesse nosso trabalho; há atores maiores e atores menores (nunca iguais). Foi ridículo quererem nos opor; isso só pode ter partido de pessoas invejosas, fracassadas ou desocupadas. Se James Dean surgiu como alguém importante foi porque ele era importante. Importante para o cinema americano."
Marlon Brando, ator

"Ele parecia um imigrante sentado na parte de trás de uma limusine de luxo. Marlon foi muito gentil para com Jimmy, mas estava adorando vê-lo encolhido e torcido na miséria."
Elia Kazan, cineasta

"Havia nele tantos demônios para expulsar! Mas nem sempre seus espantalhos eram eficientes: os demônios se recusavam a sair."
Nicholas Ray, cineasta

"Uns anos antes de resolver filmar 'Assim Caminha a Humanidade', eu o vira na televisão e anotara seu nome na minha caderneta. Só uma vez antes eu havia

Foto:
James Dean no cemitério
de Fairmount, Indiana

feito isso, foi com o nome de Montgomery Clift. (...) Perdemos um dos grandes artistas de nosso tempo."
George Stevens, cineasta

"Ele entrou na minha vida por uma janela, berrando versos de John Donne. Saiu fazendo um ruído de motor. Ele é aquele que nunca esquecerei. Se há uma vida na morte, me lembrarei dele nessa segunda vida."
Natalie Wood, atriz

"James Dean desencadeia um complexo maternal em todas as mulheres jovens. Seus papéis de adolescente angustiado, ameaçado, cercado por todas as espécies de demônios interiores, levam a juventude de hoje a se identificar com ele."
Gary Cooper, ator

"Ele era imprevisível (...). Entrava resfolegando igual a um animal selvagem... Depois, mesmo sem abandonar seus modos anticonvencionais, ficava encantador. (...) Dez dias antes do acidente, eu o fiz jurar dirigir com menos velocidade. Com efeito, ele me prometeu fazê-lo menos loucamente. Mas esqueceu sua promessa. Jimmy, inconscientemente, procurava se destruir. Ele desconcertava as mulheres. Era muito ele mesmo para não decepcioná-las."
Ursula Andress, atriz

"Era tão brilhante e tão cheio de energia que eu tinha a impressão de que ele ia explodir. Fazia-me pensar num autodidata superdotado que tivesse aprendido tudo sem ter ido à escola, e cuja inteligência vinha de sua relação constante com a terra, as árvores, o vento, os animais. Seu temperamento era um enigma. Sem nenhuma transição, ele passava da depressão para a cólera. Depois vinha uma grande e profunda tristeza. (...) Ele ficava inacessível. Se ele dominava bem os seus papéis, nem sempre dominava sua relação com as pessoas."
Elizabeth Taylor, atriz

"James Dean era a personificação perfeita de uma luta eterna. Pode ser inocência lutando contra a experiência, os jovens contra a idade, ou o homem contra a sua imagem. Mas em todos os aspectos sua luta era um espelho de uma geração de rebeldes sem causa."
Andy Warhol, artista multimídia

"Havia um ditado que dizia que Marlon Brando mudou a forma como os atores atuavam. James Dean mudou a forma como as pessoas viviam."
Martin Sheen, ator

"Ele fez o seu número, e ele fez isso melhor do que ninguém no mundo."
Sammy Davis Jr. , cantor

"Eu o comparo a uma espécie de cometa ou estrela que caiu do céu, e todo mundo ainda fala sobre isso. Eles dizem: 'Ah, se lembra da noite quando você viu aquela estrela cadente?' "
Julie Harris, atriz

"Ele viveu como um animal de rua... chego a pensar que ele era um animal de rua."
Dennis Stock, fotógrafo

"Eles não podiam parar o Jimmy. Ele não temia a morte da maneira como as pessoas normalmente temem."
Sal Mineo, ator

"Quando estávamos juntos, éramos como quaisquer dois caras juntos: olhando para as meninas, dando em cima delas."
Martin Landau, ator

"Na verdade, a pessoa que era uma referência para mim era James Dean. 'Juventude Transviada' teve um efeito muito poderoso sobre mim. Ele foi uma inspiração e atingiu as pessoas de tal forma, como uma espécie de fenômeno. Ele fez essa conexão com o público. Brando era a força e, de uma certa forma, o gênio. James Dean era uma espécie de soneto."
Al Pacino, ator

"Jimmy tinha aquela genialidade, um certo mistério. Quando você vê sua atuação, quer atuar daquela forma. Ele foi uma inspiração para que eu atuasse com honestidade, verdade e profundidade."
Harvey Keitel, ator

"Há momentos, há comportamentos em 'Vidas Amargas' que são pura magia. 'Assim Caminha a Humanidade' é pura magia. 'Juventude Transviada' é um pouco datado e uma espécie de visão estranha da década de 1950, mas seu trabalho foi incrível. Alguns atores acham que ele está supervalorizado, mas eles têm que rever e prestar atenção a algumas das coisas que ele fez."
Johnny Depp, ator

"Eu tinha uns 12 anos quando ele morreu. Quando 'Assim Caminha a Humanidade' foi lançado, ele já não estava mais aqui. Ele foi enorme."
Christopher Walken, ator

"James Dean, Marlon Brando e Montgomery Clift representaram uma nova era de interpretação. Em meados dos anos 50, atuar tornou-se uma espécie de realismo, que buscava explorar uma profundidade emocional que não era comum nos atores masculinos e, com isso, ser mais próximo da realidade."
John Travolta, ator

"Obviamente, Dean era talentoso, mas ele morreu em um bom momento."
Robert Duvall, ator

"Assistir a James Dean em 'Vidas Amargas' foi muito doloroso e real para mim. Depois disso, eu percebi que atuar era o que eu queria fazer. Ele me afetou mais do que qualquer música, pintura ou programa de TV. Ele deixou um legado e se tornou famoso por nunca ter crescido. Ele está personificado e imortalizado como um personagem adolescente, o que é fascinante para mim. Ele não se destacou em outras áreas porque não teve tempo."
Nicolas Cage, ator

Foto:
James Dean com o mecânico Rolf Wütherich em seu Porsche Spyder na manhã do último dia de sua vida

"Sem Jimmy Dean, os Beatles nunca teriam existido."
John Lennon, músico

"Com James Dean, a juventude atual se identifica por inteiro, não tanto por causa da violência, do sadismo, da histeria, do pessimismo e da crueldade, mas por outras coisas infinitamente mais simples e corriqueiras: o pudor dos sentimentos, a fantasia permanente, a pureza moral sem relação com o mundo corrente, o gosto eterno da adolescência pelo desafio, pela embriaguez, pelo orgulho e mais o seu desgosto de se sentir fora da sociedade, pela recusa e pelo desejo de nela se integrar. E, finalmente, pela aceitação — e pela recusa — do mundo tal como ele é."
François Truffaut, cineasta

"A carreira de James Dean não chegou ao fim. Ela acaba de começar. E lembrem-se: o próprio Deus está dirigindo a produção."
Reverendo Xen Harvey

Filhos de Dean

Leonardo Luiz Ferreira

Primeiro plano: James Dean sai de cena rumo à imortalidade cinematográfica. O cinema é capaz de produzir ídolos que não envelhecem jamais. Sempre que alguém quiser se lembrar de Marlon Brando, basta assistir a uma cópia de **Sindicato de Ladrões** (1954), de Elia Kazan. A imagem de sua genialidade permanece ali de maneira indelével. O que veio depois faz parte de outra história. Assim como Dean, que permanece vivo a cada nova descoberta de seu trabalho por um ator iniciante ou em uma das tantas declarações congratulatórias de atores renomados, entre eles Al Pacino, a respeito de seu método de interpretação. O efeito James Dean não morreu em um fatídico acidente de carro; na verdade, ele só fez crescer dos anos 50 até hoje, nas roupas, no estilo de vida e, sobretudo, no sonho de conquistar o espaço em Hollywood através do talento.

Inúmeros documentários foram realizados em uma tentativa de entender a trajetória efêmera do astro. Além disso, alguns diretores e roteiristas criaram uma visão particular compilando episódios biográficos em obras ficcionais das mais diversas, porém com algo em comum: os atores envolvidos nos filmes tentaram se projetar de tal forma como se a simples mimese de Dean pudesse significar a entrada em um terreno sagrado, um real começo no cinema. Essa viagem se inicia em 1976 com o ator Stephen McHattie no telefilme simplesmente intitulado **James Dean**, de Robert Butler. O que mais sobressai nessa produção é o olhar de dentro promovido pelo roteirista William Bast, que foi realmente colega de quarto do ator durante um período de busca. A composição de Stephen se inicia de maneira caricata, de modo que o ator se preocupa muito mais em emular de maneira correta do que em trilhar um caminho próprio — o grande mal que assola as cinebiografias. A sua carreira jamais despontou, apesar de uma filmografia extensa, mas não memorável.

A segunda incursão ficcional acontece em 1997 em mais um telefilme, **James Dean: Race with Destiny**, de Mardi Rustam. De família militar, Casper Van Dien passou a se interessar por artes dramáticas

Foto:
James Dean em Nova York

tendo James Dean como um dos seus ídolos. Antes de interpretá-lo, ele chegou a participar de um documentário sobre sua carreira, **James Dean and Me** (1995). O destino de Dien, dotado de beleza e porte físico, parecia estar traçado, mas é exatamente em sua grande oportunidade que decepciona com uma atuação medíocre. Diferente de McHattie, ele tenta encontrar um tom e se distinguir, porém naufraga em uma dramaturgia frágil estruturada como novela pelo cineasta Rustam. Do desejo de ser um grande ator como seu ídolo, Dien encontra seu lugar na indústria como um canastrão em produções de baixo orçamento.

Até aqui parecia uma verdadeira maldição interpretar James Dean no cinema, e mesmo quem só fez pontas personificando-o caiu no ostracismo — casos de Eric Clark em **A Morte lhe Cai Bem** (1992), de Robert Zemeckis, e **Pulp Fiction — Tempo de Violência** (1994), de Quentin Tarantino, e Danny Adcock em **Resistance** (1994), de Hugh Keays-Byrne. Entretanto, tudo muda quando, em 2001, é lançado mais um telefilme com o nome de Dean, dirigido por Mark Rydell e inspirado na vida do ator, no qual o jovem James Franco assume o seu papel. A sua primeira entrada em cena, saindo da escuridão e enfrentando um ator, já impressiona. O seu esforço interpretativo é tão significativo, ainda que ele nitidamente queira transparecer que estudou inteiramente o método Dean, que um desavisado pode confundi-lo com o verdadeiro James. Franco traduz em poucas cenas a passionalidade de atuar, de se entregar a um personagem como se fosse parte íntima da própria vida. E é esse o principal legado de James Dean para o cinema e as novas gerações. Já James Franco trilhou um caminho em que a participação em *blockbusters*, como a trilogia **Homem-Aranha**, de Sam Raimi, permitiu com que desenvolvesse o seu trabalho como intelectual e cineasta experimental, sendo louvado pelos dois lados da moeda, o público e a crítica.

Mas não só cinebiografias levaram de alguma maneira o nome de James Dean para as telas. Todo e qualquer jovem que desponta no cinema americano é logo associado ao astro, como se sua lacuna precisasse ser preenchida de qualquer jeito. Mas esse pensamento vai ao encontro da não compreensão de que cada estrela tem um brilho singular e individual. Nesse sentido quem chegou perto foi o ator Richard Thomas, que, em 1977, interpretou um jovem rebelde no filme **September 30**, 1955, de James Bridges, que idolatra Dean e fica arrasado com sua morte. O que se vê no ecrã é uma interpretação visceral e comovente acima de todos os outros retratos já feitos a respeito do ator, exatamente porque não se trata de manter-se preso aos fatos ou trejeitos. É dessa espontaneidade que Thomas preenche a tela. Mesmo com carreira irregular, ele passou de promessa a realidade, infelizmente longe de demonstrar todo o seu potencial.

A trajetória fulminante de James Dean encontra eco e inúmeros pontos de contato com a de River Phoenix, que de astro mirim se confirmou como um talento raro em frente às câmeras, mas longe delas sofria com descontrole emocional e o problema com as drogas que o vitimou aos 23 anos. Sempre que um ator desponta e morre de maneira trágica, há uma imediata ligação com o nome de Dean, caso de Brandon Lee, filho do ícone Bruce Lee, que morreu, aos 28 anos, ao ser alvejado por uma bala real durante as filmagens de **O Corvo** (1993), de Alex Proyas. Porém, a relação com Phoenix é bem distinta, pois, como Dean, ele tinha o brilho dos astros, uma luz especial que o eterniza a cada rotação em 24 quadros por segundo. Nos anos 2000, o elo com James Dean foi interligado ao australiano Heath Ledger, que morreu no momento em que entregava ao cinema a sua melhor performance, como o inesquecível Coringa em **Batman — O Cavaleiro das Trevas** (2008), de Christopher Nolan. Diferentemente de Dean, ele conquistou o Oscar de coadjuvante em uma indicação póstuma.

Novos *jamesdeans* continuam surgindo a cada dia, seja se inspirando no ator ou capitalizando em cima de seu legado, como acontece no recém-lançado **Joshua Tree, 1951: A Portrait of James Dean** (2012), de Matthew Mishory, que cria um triângulo amoroso

fictício para especular a respeito da sexualidade do astro, soando mais como uma medida desesperada por atenção, algo natural na indústria do cinema, do que uma investigação pertinente sobre o tema.

Último plano: a luz do cine Astor, em Nova York, se acende e despertamos do sonho. James Dean continua vivo na memória.

Leonardo Luiz Ferreira é jornalista, crítico de cinema, membro da Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro (ACCRJ) e codiretor do documentário Chantal Akerman, De Cá (2010).

Foto:
James Dean em **Assim Caminha a Humanidade**

Sal, mais uma ousadia de James Franco*

Mario Abbade

Sal Mineo teve uma carreira promissora. Coestrelou **Juventude Transviada** com James Dean e concorreu ao Oscar de melhor ator coadjuvante pelo filme, indicação que se repetiu com **Exodus** (1960), de Otto Preminger. Sal era apontado como uma das maiores revelações de Hollywood. Gay, teve ainda mais dificuldades para conseguir o que a carreira poderia lhe dar por ter tido a coragem de sair do armário numa época em que galãs escondiam essa preferência como um segredo de estado. Sal Mineo morreu precocemente, justamente quando esperava uma virada que devolveria sua carreira à estrada da qual foi jogada para fora. James Franco tem o mérito de optar, em **Sal** (2011), por colocar na tela a vida do ator indo muito além do óbvio, num filme belo e reflexivo.

Em sua quinta experiência na direção, James Franco ousa correr o risco de entediar o espectador mostrando, em tempo real, ações banais que compõem um cotidiano que parece interminável — para que então entre em cena o que ressignifica tudo: a morte. São 90 minutos de um filme que aborda as dicotomias entre cotidiano e finitude, vida e morte, banalidade e singularidade. O diretor se concentrou nas horas finais da vida de Sal Mineo: a última vez em que Sal escovou os dentes, a última vez em que o ator se vestiu, a última vez em que pôde estacionar seu carro. Esse ritual ganha uma intimidade profunda com o espectador pela forma como Franco o registra, por meio de *close-ups* claustrofóbicos.

As questões em que James Franco toca, sempre sem pretensões intelectuais gratuitas, são colocadas pelo diretor à medida que o longa se desenrola. Outra reflexão recorrente — ficar se perguntando o que teria (ou não) acontecido se as atitudes tivessem sido outras — está presente no filme: e se Sal não tivesse parado no sinal vermelho, e se ele abaixasse para pegar as moedas, o desfecho poderia ser outro, não o assassinato? Sal foi morto em 1976, aos 37 anos, com várias facadas, quando chegava em casa, em West Hollywood, do ensaio da peça **PS: Your Cat is Dead!**, que já havia apresentado em São Francisco e ia estrear em Los Angeles, com Keir

Foto:
James Dean em **Assim Caminha a Humanidade**

Dullea (vivido por Jim Parrack). Sal Mineo também havia acertado a direção de um filme, uma adaptação de **McCaffery**, uma novela *pulp* sobre gangues de motocicleta e abuso sexual. O longa de James Franco mostra um ator animado, feliz com o que acreditava ser uma bem-sucedida volta à carreira. Na época, a homossexualidade de Sal gerou intrigas de que o ator teria sido morto por garotos de programa. Mas esclareceu-se que o assassino foi o desabrigado Lionel Ray Williams, julgado e condenado, em 1979, à prisão perpétua. Franco conta esta história em estilo intimista, usando uma câmera na mão, relatórios de autópsia e depoimentos pessoais, incluindo os do amante da vítima, Burr Courtney.

No final do filme, James Franco combina cenas reais com as que filmou, atingindo um resultado impactante. Percebe-se no longa a influência que Franco traz de Gus Van Sant, com quem fez **Milk — A Voz da Igualdade** (2008). Outro filme de Van Sant, **Last Days** (2005), sobre os últimos dias de Kurt Cobain, tem muito em comum com Sal. Nos dois, o ritmo é o da lentidão estudada. Sal remete ainda ao manifesto **Dogma ´95**, idealizado por Lars Von Trier e Thomas Vinterberg, por conta da busca incessante pelo realismo e também pelo ótimo trabalho de fotografia de Christina Voro, que sugere que o filme foi rodado em 1976, como se fosse um *home movie* perdido que acabou de ser encontrado.

Val Lauren impressiona no papel de Sal Mineo. Egresso de uma companhia de teatro de repertório, Lauren acabou fazendo TV e cinema, inclusive como roteirista e diretor. Sem sua interpretação minimalista, o projeto de Franco não funcionaria. No filme, James Franco interpreta Milton Katselas, que dirigia Sal na peça, mas só aparece de costas na tela. O diretor partiu da biografia de Sal Mineo lançada em 2010 por Michael Gregg Michaud, mas, com Vince Jolivette e Stacey Miller, que também assinam o roteiro, optou por se concentrar no último dia de vida do ator. Franco, que é um grande fã de James Dean — tendo interpretado o astro de **Juventude Transviada** em 2001, num filme biográfico que levou o nome do ator —, tem outros pontos que o aproximam de Sal. Enquanto Sal Mineo viveu Milo em **A Fuga do Planeta dos Macacos** (1971), de Don Taylor, Franco participou do reboot **Planeta dos Macacos: A Origem** (2011), de Rupert Wyatt.

Sal pode ser acusado de pretensioso, já que James Franco vem sendo associado à imagem de um obcecado por demonstrar que tem bem mais neurônios que os típicos rostinhos bonitos de Hollywood. Mas esse é um rótulo que não faz jus à sua atuação no meio acadêmico, em que Franco tem vários diplomas, incluindo mestrado e doutorado, e dá aulas de literatura na New York University, na cadeira que trata de como transferir poesia para um filme. A forma com que vem conduzindo sua carreira já deixa claro que acusações do tipo são, no mínimo, descabidas. James Franco arrisca-se em filmes pequenos e independentes e em personagens homossexuais e polêmicos, algo de que muitos astros de Hollywood fogem. E, além de ator, é diretor, roteirista, ensaísta, escritor e já foi indicado a vários prêmios. Ganhou o Globo de Ouro de melhor ator no filme para a TV em que fez o papel-título de James Dean. Concorreu ao Oscar de melhor ator em 2011, por **127 horas** (2010), de Danny Boyle. Tudo muito além de seu início no seriado adolescente televisivo **Freaks and Geeks**. James Franco até atua em produções como **Homem-Aranha** (2002), de Sam Raimi, mas gosta mesmo é de ousar.

***** Texto publicado em 12/1/2012 no Blog do Bonequinho do jornal O Globo durante a cobertura do Festival Internacional de Cinema de Palm Springs.

Foto:
James Dean em **Assim Caminha a Humanidade**

Joshua Tree, 1951

A Portrait of

James Dean

Carlos Brito

Logo no início de **Joshua Tree, 1951 — A Portrait of James Dean**, o público é brevemente apresentado à figura do poeta simbolista francês Arthur Rimbaud (1854- 1891). Libertino, caótico, homossexual e dono de um talento raro, ele impressionou e chocou a França do fim do século XIX, tanto pela beleza e pelo poder de sua obra quanto por seu estilo de vida e sua orientação sexual — considerada ultrajante naquele período. Sua relação com outro expoente da poesia simbolista, Paul Verlaine (1844-1896), representou um escândalo devastador na sociedade parisiense — e também londrina — de então.

Rimbaud não se permitia seguir regras, contestava autoridades e deu à própria vida os rumos mais inusitados. Prova disso é que sua última atividade antes da morte prematura — tinha apenas 37 anos quando acabou vencido por um câncer — era a de mercador de armas na Etiópia. Foi, antes de qualquer outra coisa, um rebelde.

Por tudo isso, o uso de uma representação do poeta francês como imagem de abertura de seu longa deixa clara a intenção do diretor Matthew Mishory: estabelecer James Dean como elo de uma corrente histórica de artistas talentosos, rebeldes e iconoclastas, como foi Rimbaud. Possível? Sim, a digressão faz sentido. O problema, no entanto, é que essa premissa é quase que totalmente abandonada ao longo da produção.

Registrado num belíssimo preto e branco de 30 milímetros, **Joshua Tree, 1951 — A Portrait of James Dean** situa-se no momento em que Dean deixa a Califórnia e segue em direção a Nova York, onde sua carreira deslancharia — primeiro na TV e posteriormente nos palcos da Broadway. Boa parte do longa é narrado em *flashback* durante uma viagem que Dean e seu parceiro de quarto na UCLA, o futuro roteirista William Bast, fazem a Joshua Tree, um conhecido parque natural de características desérticas na Califórnia. Pelos olhos de Bast, vemos o início da amizade dos dois, o envolvimento de ambos com o teatro, a intensificação de sua amizade e também a maneira como a presença de Dean altera completamente sua percepção sobre a vida. A

Foto:
James Dean com a atriz Pier Angeli,
uma de suas únicas paixões comprovadas

respeito deste último ponto, o diretor opta pela literalidade: em muitos momentos, Bast registra Dean por meio de uma câmera Super 8, num colorido de altíssima saturação, o que gera um contraste bruto com as imagens em preto e branco da maior parte do filme.

Visualmente, portanto, a produção é irretocável. Mérito do diretor de fotografia Michael Marius Pessah. O problema de **Joshua Tree, 1951 — A Portrait of James Dean** passa longe de seus aspectos estéticos. A questão está na promessa não cumprida.

Ao se assistir ao filme, fica claro que a principal intenção do diretor é retratar os aspectos de uma possível vida homossexual de Dean, o que se evidencia em vários momentos, como as inúmeras vezes em que o ator é mostrado à beira da piscina da casa de seu agente, Rogers Brackett. Quase sempre o astro é retratado sem camisa e cercado por outros rapazes nus — invariavelmente de costas. O objetivo seria mostrar o ambiente hedonista no qual Dean estava inserido. Fica a impressão, no entanto, de que se trata apenas de mera exposição de corpos.

Exposição semelhante ocorre em outro momento, quando Dean é currado no alto de uma escadaria por um desconhecido. A cena surge e some sem maiores explicações no roteiro. Ao que parece, apenas para reforçar uma possível opção homossexual do ator. Mais uma vez, a sequência é registrada muito mais com a intenção de mostrar corpos masculinos nus do que necessariamente contribuir para o avanço da trama.

O diretor toma liberdades históricas como a cena na qual Dean é queimado por um cigarro de um possível amante. Trata-se da apropriação da alcunha "Human Ashtray" ("Cinzeiro Humano"), expressão pela qual o ator seria conhecido em Hollywood. Rumores sobre ele davam conta de que Dean sentia prazer ao ter as cinzas incandescentes de um cigarro queimando sua pele.

No entanto, o laudo do legista feito em seu corpo não registrou qualquer possível sinal provocado por essa prática. Fotos de Dean sem camisa também desmentem esse rumor. O cinema, como sabemos, não possui compromisso com a realidade. Logo, essa não chega a ser uma falha grave. Trata-se, porém, de uma opção narrativa feita por Matthew Mishory, que aqui preferiu abraçar especulações e fatos não comprovados. Percebe-se que Mishory, homossexual assumido, construiu uma película de forte apelo erótico gay, quase pornô, disfarçado em um belo filme de arte para corroborar suas próprias fantasias sobre James Dean.

No filme existe, ainda, uma provocação que envolve um dos homofóbicos mais conhecidos da cultura americana: Frank Sinatra. Apesar de não fazer restrições profissionais a homossexuais, Sinatra era reconhecidamente contrário à presença deles em seu círculo de amizade mais próximo. Portanto, chega a ser curioso que a principal canção de **Joshua Tree, 1951 — A Portrait of James Dean** seja "I Fall in Love Too Easily". Música de Jule Styne com letra de Sammy Cahn, a composição se tornou conhecida graças à interpretação oferecida por Sinatra no longa **Marujos do Amor**, de George Sidney. A sequência remete à forma pela qual Frank Sinatra sempre disse que gostaria de ser lembrado: um *saloon singer* (uma combinação de cantor, animador e ator, que interpreta as canções como se fossem minidramas sobre o amor e a tristeza, momentos bons e ruins, de forma que convence a plateia por ter experimentado todas essas ocasiões). Em **Joshua Tree, 1951 — A Portrait of James Dean**, a canção é executada praticamente na íntegra durante um encontro entre Dean e Brackett numa boate. Situação interessante e muito bem registrada. Mas, também, sem maiores repercussões dentro da trama.

Por tudo isso, **Joshua Tree, 1951 — A Portrait of James Dean** promete, mas não entrega. A presença de Rimbaud na cena inicial do filme faz imaginar que Matthew Mishory oferecerá o retrato de um artista rebelde que também é homossexual. Durante o filme, entretanto, essa lógica é invertida e a opção sexual de Dean ganha predominância no roteiro.

Ao fim, fica a impressão de que o diretor usa o filme para validar seu ponto de vista sobre a sexualidade do ícone. Como se sabe, a vida sexual

de Dean é, em grande parte, desconhecida — portanto, não é possível fazer afirmações sobre suas preferências na cama. Pelo menos não com base em fatos incontestáveis.

O que sabemos, no entanto, é que opção sexual já deixou de ser um sinal de rebeldia há muito tempo.

Foto:
James Dean em Nova York

A Exposição

Mario Abbade

Há fotografias que provocam, que inspiram, que simbolizam, que eternizam. São fotos desse tipo que compõem a exposição **Eternamente Jovem — Retrospectiva James Dean**. As imagens pertencem a acervos da França e dos Estados Unidos, a colecionadores e à família, além de MPTV, CMG Worldwide, Warner e Magnum, de onde vêm mais da metade das fotos. Os retratos foram registrados por Dennis Stock, Sanford Roth e Floyd McCarty. Neles, Dean expressa aquilo que se tornou desde os anos 1950: um ideal de juventude, um pós-adolescente incompreendido, um rebelde, um solitário que precisava de atenção e afeto.

As fotos que eternizaram James Dean, constantemente evocadas como símbolos quase seis décadas após sua morte, são um exemplo desconcertante do potencial da imagem fotográfica. Como numa metonímia, Dean atravessou a história personificando juventude, intempestividade e carência. Não à toa, o pensador francês Roland Barthes se dedicou a mostrar em seus ensaios que há muito mais entre o observador e a fotografia do que supõe a nossa vã filosofia. Barthes, que já havia demonstrado interesse pelo tema desde os anos 1960 em textos como "A Mensagem Fotográfica" e "Retórica da Imagem", duas décadas depois, em seu livro **A Câmara Clara**, aprofundou teorias a partir do fascínio que as fotografias são capazes de provocar.

O autor destaca dois conceitos, chamados de *studium* e *punctum*, que podemos resumir em pequenas observações sobre o fenômeno James Dean. O *studium* seria o modo como o ator virou o ícone de uma época, os anos 1950. Já o *punctum* é algo na foto — seja o olhar, seja a falta de sorriso, seja a expressão corporal de Dean — que vai tocar cada observador, dependendo de cada história pessoal, de uma forma diferente. Essa conexão que se estabelece entre a fotografia e quem a vê, do campo do afeto e não da razão, é inexplicável: o observador, sem intenção, é simplesmente fisgado, e o porquê deve se encontrar em algum recôndito de sua vida, de seu passado, de sua história.

Foto:
James Dean em **Juventude Transviada**

E certamente essas imagens de James Dean se conectaram com muitos através das décadas, independentemente se o motivo foi a rebeldia, se a razão da identificação foi a carência, ou se foi qualquer outra que, para todos e para cada um, fez com que as fotografias do ator alcançassem o panteão da permanência.

Nas imagens em movimento, James Dean interpretou, em seus três filmes, um filho incapaz de ganhar o amor do pai, um jovem que não consegue entendimento em casa e um estranho que não pode entrar em um círculo santo, mesmo quando ganha as qualificações materiais necessárias para isso. Em cada um desses papéis, Dean é um solitário, um desajustado, alguém em desacordo com a percepção convencional das coisas. É também um romântico, com uma casca externa dura que não representa mais do que uma fina camada que cobre o conflito de seus tormentos emocionais. Muitos são Dean, que foi, ao mesmo tempo, único.

Trinta fotos do ator serão expostas junto a uma litografia assinada por Dean, reproduções de cartas que ele escreveu e objetos que comprovam o poder imagético do mito. Foi durante uma visita a Nova York, em que James Dean celebrava seu aniversário de 24 anos, em fevereiro de 1955, que Dennis Stock registrou as imagens mais icônicas do ator, principalmente nos arredores da Times Square. Stock também acompanhou Dean a Fairmount, onde fotografou o astro nos lugares em que ele cresceu. Já Sanford Roth é o fotógrafo que estava no carro de trás acompanhando James Dean quando ele sofreu o acidente fatal. Roth ia fotografar a corrida de Salinas na qual o ator participaria no dia seguinte. Uma das peças que chamam a atenção na exposição é a *scrap painting* em madeira de Ulysses Facio, um artista promissor que era fascinado por Dean e, depois de morrer prematuramente em circunstâncias obscuras, em janeiro de 2011, viu suas obras aumentarem de preço no mercado de Palm Springs, onde ficam as galerias em que suas peças podem ser encontradas. Também fazem parte da exposição dois *stills* originais da época do lançamento de **Juventude Transviada** e **The James Dean Story**, de Robert Altman e George W. George, além de estátuas, selos comemorativos e a capa do jornal Fairmount News na data da morte do astro. Entre as curiosidades, estão três réplicas em miniatura do Porsche Spyder que ele pilotava quando morreu, fotos do ator com sua paixão, Pier Angeli, entre outros vários itens que retratam o culto ao arquétipo James Dean.

Filmografia

Ficção

Vidas Amargas (*East of Eden*, 1955), de Elia Kazan.
Elenco: James Dean, Raymond Massey, Julie Harris.
No Vale das Salinas, região da Califórnia, por volta da Primeira Guerra Mundial, Cal (Dean) é o filho rebelde e mal compreendido de Adam. Desde a infância, ele luta obsessivamente pelo amor do pai. No entanto, Adam não esconde sua preferência pelo outro filho, Aron, considerado o "menino de ouro" da família e que está noivo de Abra. Solitário no mundo, Cal descobre que sua mãe, até então dada como morta, reside na vila ao lado. **115 minutos. 12 anos**.

Juventude Transviada (*Rebel Without a Cause*, 1955), de Nicholas Ray.
Elenco: James Dean, Natalie Wood, Dennis Hopper, Sal Mineo.
Jim Stark (Dean) é um bom rapaz, mas que acabou tomando o rumo errado na vida sem motivo aparente. Seus pais sempre se mudam de cidade para encobrir as besteiras que seu filho faz, porém, Jim os confronta quando percebe que fez algo realmente sério desta vez. Em contraponto, acaba se apaixonando pela linda Judy, namorada do principal envolvido no caso em que Jim errou. **111 minutos. 12 anos**.

Assim Caminha a Humanidade (**Giant**, 1956), de George Stevens.
Elenco: James Dean, Elizabeth Taylor, Rock Hudson.
Um fabuloso épico que conta a vida de três gerações de famílias texanas. Em cena, seus conflitos amorosos, disputas econômicas, preconceitos raciais, tudo em meio à corrida pelo ouro negro. **201 minutos. 12 anos**.

Um Lugar ao Sol (*A Place in the Sun*, 1951), de George Stevens.

Foto:
James Dean em Los Angeles

Elenco: Montgomery Clift, Elizabeth Taylor, Shelley Winters.
George Eastman (Clift) é um jovem sonhador que vai trabalhar na fábrica do tio rico, buscando um futuro melhor. Ele vê esse sonho ficar mais distante quando engravida uma colega de trabalho. Eastman se apaixona por uma jovem rica e é correspondido, mas se vê impossibilitado de levar a relação à frente por causa da gravidez anterior. **122 minutos. 12 anos**.

O Selvagem (*The Wild One*, 1953), de Laslo Benedek. **Elenco:** Marlon Brando, Lee Marvin, Robert Keith.
Uma tranquila cidade da Califórnia é invadida por uma gangue de motoqueiros arruaceiros e problemáticos. Em meio ao terror que sua gangue está causando na cidade, Johnny (Brando) se apaixona pela filha do policial Bleeker, a perfeitinha Kathie. Ele não enfrenta apenas o conflito gerado pela diferença social que o separa de Kathie, mas também um psicótico rival que promete complicar ainda mais a situação.
79 minutos. 12 anos.

James Dean (1976), de Robert Butler.
Elenco: Michael Brandon, Stephen McHattie, Brooke Adams.
Uma dramatização da história de vida do ator James Dean no período em que viveu dividindo o quarto com seu amigo William Bast, roteirista de cinema.
94 minutos. 14 anos.

September 30, 1955 (1977), de James Bridges. **Elenco:** Richard Thomas, Tom Hulce, Dennis Quaid.
Quando Dean morre, um colégio em uma pequena cidade norte-americana fica em polvorosa. Vários estudantes iniciam uma vigília em sua homenagem, mas tudo acaba se transformando em tragédia.
101 minutos. 14 anos.

James Dean, o Mito Sobrevive (*Come Back to the Five and Dime, Jimmy Dean, Jimmy Dean* 1982), de Robert Altman.
Elenco: Cher, Kathy Bates, Sandy Dennis.
No vigésimo aniversário da morte de James Dean, veteranas fãs do ator se reúnem no bar de sua cidade natal para cultuar a memória do ídolo e relembrar os tempos de juventude. **109 minutos. 14 anos.**

James Dean: O Ídolo e suas Paixões (*James Dean: Race with Destiny*, 1997), de Mardi Rustam. **Elenco:** Casper Van Dien, Diane Ladd, Robert Mitchum.
Cinebiografia da carreira meteórica de Dean em Hollywood, do período em que participa de três produções hollywoodianas e se apaixona perdidamente por uma atriz até o seu trágico acidente.
101 minutos. 14 anos.

James Dean (2001), de Mark Rydell.
Elenco: James Franco, Michael Moriarty, Valentina Cervi.
Cinebiografia do ator James Dean, do estrelato com **Vidas Amargas** até o trágico acidente que o transformou em mito. **95 minutos. 14 anos.**

Almost Salinas (2001), de Terry Green.
Elenco: Virginia Madsen, John Mahoney, Lindsay Crouse.
Dono de cafeteria localizada próxima ao local do acidente de James Dean tenta superar seus erros e relembrar fatos marcantes de sua vida.
92 minutos. 12 anos.

Two Friendly Ghosts (2011), de Parker Ellerman.
Elenco: Cole Carson, Howard S. Miller.
Curta-metragem que promove o encontro fictício entre Donald Turnupseed, responsável pelo acidente que

vitimou James Dean, e o astro. **11 minutos. 12 anos.**

Sal (2011), de James Franco.
Elenco: James Franco, Jim Parrack, Brian Goodman.
Crônica das últimas horas da vida do ator Sal Mineo, ídolo de adolescentes nos anos 50 e estrela do clássico **Juventude Transviada**. **103 minutos. 14 anos.**

Joshua Tree, 1951 — A Portrait of James Dean (2012), de Matthew Mishory.
Elenco: James Preston, Dan Glenn, Dalilah Rain.
Um triângulo amoroso ficcional inspirado na história do astro James Dean antes de sua fama.
90 minutos. 18 anos.

DOCUMENTÁRIO

A História de James Dean (*The James Dean Story*, 1957), de Robert Altman e George W. George.
Documentário feito logo após a morte do ator. O longa se utiliza de fotos com narração entremeadas por entrevistas com pessoas próximas a ele.
81 minutos. 12 anos.

James Dean: The First American Teenager (1976), de Ray Connolly.
Raras imagens de *set* de produção e entrevistas com amigos e colegas de trabalho. **77 minutos. 12 anos.**

Eternamente James Dean (*Forever James Dean*, 1988), de Ara Chekmayan.
Documentário sobre o lendário James Dean e sua participação marcante em apenas três longas-metragens de cinema. Contém raras imagens de arquivo e entrevistas com colegas de trabalho.
60 minutos. 12 anos.

Final Days of an Icon— James Dean (1991), de Mel Morpeth.
Documentário com entrevistas de amigos e colegas.
65 minutos. 12 anos.

James Dean and Me (1995), de Ben Strout.
O documentário transcende a mera biografia ao utilizar metaforicamente a estrada para ilustrar a busca pelo sentido da vida de Dean. O filme se estrutura a partir de uma cronologia da infância modesta ao estrelato.
50 minutos. 12 anos.

Great Romances of the 20th Century: James Dean and Pier Angeli (1997), de Jonathan Martin.
Programa dedicado aos relacionamentos entre atores famosos. O romance entre Dean e Angeli é retratado através de imagens da época e depoimentos.
23 minutos. 12 anos.

Dean, James at High Speed (1997), de Lee Raskin e Brock Yates.
Um documentário que foca na paixão do ator James Dean por velocidade e carros. **50 minutos. 12 anos.**

James Dean: Born Cool (2001), de Denn Pietro.
A história de Dean contada por amigos e familiares de sua cidade natal. Contém centenas de fotos e imagens inéditas. **56 minutos. 12 anos.**

James Dean: Outside the Lines (2002), de Jack Walworth.
Programa da A&E da série Biografias, que conta a história de James Dean com depoimentos de Martin Balsam, Dick Van Patten, Rod Steiger e Rogers Brackett, entre outros. Narrado pelo ator Bill Mumy (o personagem Will Robinson da série de TV Perdidos no Espaço). **86 minutos. 12 anos.**

James Dean: Memórias de um Rebelde (*James Dean: Sense Memories*, 2005), de Gail Levin.
Documentário que explora os últimos 18 meses de vida de James Dean. **54 minutos. 12 anos.**

Real James Dean (2006), de Gary Legon.
A lendária carreira e a vida breve de Dean é explorada nesse documentário que promove um retrato que celebra o ator. **105 minutos. 12 anos.**

James Dean: Eternamente Jovem (*James Dean: Forever Young*, 2007), de Michael J. Sheridan.
Com apenas três papéis principais, James Dean se tornou um ícone para várias gerações. Seu legado brilha ainda mais neste filme repleto de cenas nunca vistas de participações de Dean na televisão americana. **87 minutos. 12 anos.**

TELEVISÃO

Hill Number One: A History of Faith and Inspiration (1951), de Arthur Pierson.
Elenco: James Dean, Roddy MacDowall, Gordon Oliver.
Interpretação livre do que teria acontecido com os seguidores de Jesus três dias antes da crucificação. **57 minutos. 12 anos.**

Sentence of Death (1953), de Matt Harlib.
Elenco: James Dean, Betsy Palmer, Gene Lyons.
Telefilme em que Dean é acusado de um crime e deve provar a sua inocência. **60 minutos. 12 anos.**

The Bells of Cockaigne (1953),
de James Sheldon.
Elenco: James Dean, Gene Lockhart, Vaughn Taylor.
Trabalhador azarado tenta conseguir dinheiro para cuidar de seu filho doente. **30 minutos. 12 anos.**

Keep Our Honor Bright (1953), de Maurice Holland.
Elenco: James Dean, Michael Higgins, Andy Milligan.
Estudante é expulso de colégio por ter trapaceado durante um exame. **60 minutos. 12 anos.**

Something for an Empty Briefcase (1953), de Don Medford.
Elenco: James Dean, Susan Douglas Rubes, Don Hanmer.
Antes de abandonar a sua vida de crimes, rapaz tenta empreender seu último golpe. **30 minutos. 12 anos.**

Harvest (1953), de James Sheldon.
Elenco: James Dean, Dorothy Gish, Ed Begley.
Um jovem apaixonado por uma mulher sofisticada da cidade fica dividido entre os seus desejos e os de sua família. **53 minutos. 12 anos.**

A Long Time Till Dawn (1953), de Richard Dunlap.
Elenco: James Dean, Robert Cass, Pud Flanagan.
Ex-presidiário tenta se endireitar na vida logo após sair do cárcere. **60 minutos. 12 anos.**

The Big Story (1953), de David Rich.
Elenco: James Dean, John Kerr, Carl Frank.
Após inúmeras arruaças, membros de uma gangue juvenil cometem dois assassinatos. Um repórter tenta entender as causas por trás dos crimes.
30 minutos. 12 anos.

Glory in the Flower (1953), de Andrew McCullough.
Elenco: James Dean, Mark Rydell, Jessica Tandy.
Jovem deliquente é solto para recomeçar sua vida logo após ter sido preso por porte de drogas.
55 minutos. 12 anos.

I´m a Fool (1954), de Don Medford.
Elenco: James Dean, Natalie Wood, Eddie Albert.

Jovem do campo se apaixona por moça da cidade e tenta se passar por uma pessoa que não é.
30 minutos. 12 anos.

The Dark, Dark Hours (1954), de Don Medford.
Elenco: James Dean, Ronald Reagan.
Um médico tenta defender sua casa e sua família de um rebelde que busca ajuda para um amigo ferido.
30 minutos. 12 anos.

The Unlighted Road (1955), de Justus Addiss.
Elenco: James Dean, Patricia Hardy, Murvyn Vye.
Rapaz consegue emprego em uma cafeteria, onde encontra também o amor. **30 minutos. 12 anos.**

The Thief (1955), de Vincent J. Donehue.
Elenco: James Dean, Mary Astor, Patric Knowles.
Homem é acusado falsamente de roubo.
60 minutos. 12 anos.

EXTRAS

James Dean em Cena
Colagem de cenas com participações de James Dean nos filmes **Baionetas Caladas** (de Samuel Fuller, 1951), **O Marujo foi na Onda** (de Hal Walker, 1952), **Sinfonia Prateada** (de Douglas Sirk, 1952), A**talhos do Destino** (de Michael Curtiz, 1953), **A Hora da Vingança** (de Richard Brooks, 1952), além dos telefilmes **Ten Thousand Horses Singing** (1952), **The Evil Within** (1953), **Abraham Lincoln** (1952), **The Trouble with Father** (1952), **The Hound of Heaven** (1953). 12 anos. **Curiosidades:** Teste de Marlon Brando para **Juventude Transviada** e de Paul Newman para **Vidas Amargas**. O ator Jim Carrey imitando James Dean no programa de TV Inside the Actors Studio. *Tour* pelo Museu Histórico de Fairmount com Marcus Winslow, primo de James Dean. *Tour* pela cidade de Fairmount com Phil Zeigler, amigo de James Dean, e pela James Dean Gallery, com David Loehr, proprietário da galeria. Filmes caseiros feitos pelo próprio James Dean. O ponto de vista de James Dean e de Donald Turnupseed no momento do acidente.

Cronologia Artística

TEATRO

Back Creek friends Church:
1945 – "To Them That Sleep in Darkness"

Fairmount High School:
1946 – "An Apple from Coles County"
1946 – "The Monkey's Paw"
1947 – "Mooncalf Mugford"
1947 – "Our Hearts Were Young and Gay"
1948 – "Goon with the Wind"
1949 – "You Can't Take it With You"

National Forensic League:
1949 – "Madman's Manuscript", de Charles Dickens (6° colocado na competição)

Summer Stock:
08/1949 – "The Romance of Scarlet Guich"

UCLA:
29/11/1950 – "Macbeth"

Actors Studio:
1953 – "Aria de Capo"
10/05/1953 – "End as man"
1953 – "The Sea Gull"

Off-Broadway:
16/06/1953 – "The scarecrow", teatro: Theatre de Lys
23/06/1953 – "The fell swoop", teatro: Palm Garden
14/02/1954 – "Women of trachis", teatro: New School of Social Research

Broadway
03/12/1952 – "See the Jaguar", teatro: Cort Theater
08/02/1954 – "The immoralist", teatro: Royale Theater

Foto:
James Dean em Nova York

Televisão

13/12/1950 – Comercial da Pepsi-Cola
25/03/1951 – Série Family Theater, episódio: "Hill number one"
29/10/1951 – Série Bigelow Theater, episódio: "T.K.O."
27/01/1952 – Série CBS Television Workshop, episódio: "Into the valley"
07/02/1952 – Série The Trouble with Father, episódio: "Jackie knows it all"
20/02/1952 – Série The Web, episódio: "Sleeping dogs"
03/03/1952 – Série Studio One, episódio: "Ten thousand horses singing"
17/03/1952 – Série Lux Video Theater, episódio: "The foggy, foggy dew"
21/05/1952 – Série Theater Guild on the Air, episódio: "Prologue to glory"
26/05/1952 – Série Studio One, episódio: "Abraham Lincoln"
22/06/1952 – Série Hallmark Hall of Fame, episódio: "The forgotten children"
15/01/1953 – Série The Kate Smith Hour, episódio: "The hound of heaven"
29/01/1953 – Série Treasury Men in Action, episódio: "The case of the watchful dog"
08/02/1953 – Série You are There!, episódio: "The killing of Jesse James"
14/04/1953 – Série Danger, episódio: "No room"
16/04/1953 – Série Treasury Men in Action, episódio: "The case of the sawed-off shotgun"
01/05/1953 – Série Tales of Tomorrow, episódio: "The evil within"
17/07/1953 – Série Campbell Soundstage, episódio: "Something for an empty briefcase"
17/08/1953 – Série Studio One Summer Theater, episódio: "Sentence of death"
25/08/1953 – Série Danger, episódio: "Death is my neighbor"
11/09/1953 – Série The Big Story, episódio: "Rex Newman"
04/10/1953 – Série Omnibus, episódio: "Glory in the flower"
14/10/1953 – Série Kraft Television Theater, episódio: "Keep our honor bright"
16/10/1953 – Série Campbell Soundstage, episódio: "Life sentence"
11/11/1955 – Série Kraft Television Theater, episódio: "A long time till dawn"
17/11/1953 – Série Armstrong's Circle Theater, episódio: "The bells of Cockaigne"
23/11/1953 – Série Robert Montgomery Presents, episódio: "Harvest"
30/03/1954 – Série Danger, episódio: "The little woman"
05/09/1954 – Série Philco Television Playhouse, episódio: "Run like a thief"
09/11/1954 – Série Danger, episódio: "Padlocks"
14/11/1954 – Série General Electric Theater, episódio: "I'm a fool"
12/12/1954 – Série General Electric Theater, episódio: "The dark, dark hours"
04/01/1955 – Série U.S. Steel Hour, episódio: "The thief"
06/05/1955 – Série Schlitz Playhouse of Stars, episódio: "The unlighted Road"

Cinema

Baionetas Caladas (*Fixed Bayonets!*, 1951), de Samuel Fuller.
Elenco: Richard Basehart, Gene Evans. James Dean participa como um soldado que não aparece nos créditos.

O Marujo foi na Onda (*Sailor Beware*, 1952), de Hal Walker.

Elenco: Jerry Lewis, Dean Martin. James participa como um *corner* (assistente do boxeador) que não aparece nos créditos.

Sinfonia Prateada (*Has Anybody Seen My Gal*, 1952), de Douglas Sirk.
Elenco: Rock Hudson, Piper Laurie. Dean participa como um jovem bebendo uma soda que não aparece nos créditos.

Vidas Amargas (1955) – Première: 09/3/1955 no cine Astor, Nova York

Juventude Transviada (1955) – Première: 27/10/1955 no cine Astor, Nova York

Assim Caminha a Humanidade (1956) – Première: 10/11/1956 em Nova York

NOTAS:

A Hora da Vingança (*Deadline*, 1952), de Richard Brooks.
Elenco: Humphrey Bogart, Ethel Barrymore. James Dean participa como um jovem da imprensa que não aparece nos créditos. Ele surge em cena conversando com o personagem de Bogart em uma sequência que representa o funcionamento de um jornal. Essa participação não foi oficialmente confirmada.

Atalhos do Destino (*Trouble Along the Way*, 1953), de Michael Curtiz.
Elenco: John Wayne, Donna Reed. James Dean participa como um espectador de uma partida de futebol americano que não aparece nos créditos. Segundo pesquisadores, a cena em que ele figura teria sido cortada na edição final.

Foto:
James Dean em **Assim Caminha a Humanidade**

Agradecimentos

Agradecimentos especiais:
James Dean Estate, Marcus Winslow, David Loehr, amigos e familiares de James Dean e cidadãos de Fairmount, Indiana, EUA.

Agradecimentos:
A&E
ACCRJ
Almanaque Virtual
Alpha Entertainment
Anna Maria C. Freire
Andrew Howick
Barbara Glenn
Beatriz Rodriguez
Beulah Roth
Bill Bast
Bob Rees
Calex Castro
Carlos Asdrubal A. Castro
Catharina Attema
Cavi Borges
Carla Marinoni
Clare Neumann
CMG Worldwide
Copyrights
Dean Jeffries
Denise Janoski
Dennis Hopper
Dennis Pietro
Dennis Stock
Eartha Kitt
Festival do Rio
Flashback Entertainment
Floyd McCarty
Fluminense Football Club
Forum Video
Gemini Media
George Barris
GNT
Grapevine Video
Gustavo Scofano
Hely Rosa Castro
Hernani Heffner
Ilda Santiago
Infinity
Iris Torres
Ismail Xavier
James Franco
Jeffrey Winter
Jorge Luiz C. Freire
Julie Harris
Keith Gordon
Laserlight
Latino Booksy Mas
Latinstock
Lee Raskin
Legends of the Silver Screen
Leonard Rosenman
Lino
Liz Sheridan
Magnum Photos
Marcelo Veras
Margarida Oliveira
Maria Mendes
Martin Landau
Matthew Mishory
Mayara Castro
Meila Renata
Miles Levy
Monty Roberts
MPI
MPTV Images
Museum of Television & Radio
Showcase
Nairton Abbade
Paramount Pictures
Pedro Rizzo
Phil Stern
Phil Zeigler
Rabbit Bandini Productions
Rebeca Fernandez
Salvation Films
Samantha Barrow
Samantha Silveira
Sanford Roth
Seita Ohnishi
Synergy
Templo Glauber
Tereza Abbade
Thabada Narvaes
The Film Collaborative
Tiago Worcman
TV Land
Ulysses Facio e família
Universal Pictures
Ursula Andress
Warner Bros.
White Star
Zodiak Rights

Ficha Técnica

Patrocínio
Banco do Brasil

Realização
Centro Cultural Banco do Brasil

Curadoria
Mario Abbade

Organização
Central das Artes
Mario Abbade

Coordenação de Produção
Isabella Martins

Produção Executiva
Breno Lira Gomes

Design de Exposição e Design Gráfico
Fernando Muller Hargreaves

Projeto Gráfico Catálogo
Fernando Muller Hargreaves
Guilherme Lopes Moura

Produção Editorial
Leonardo Luiz Ferreira

Revisão
Mario Abbade

Cenografia
Camuflagem

Equipe de Montagem
Jorge Pinheiro
Gilton Rocha de Jesus

Iluminação
Espaço-Luz, Iluminação em Artes Ltda
Antonio Mendel

Assessoria de Imprensa
Liliam Hargreaves
Mais e Melhores
Alexandre Aquino
Patrícia Ingo
Paulo Almeida

Vinheta
Fernanda Teixeira

Impressão Fotográficas
Estúdio Lupa

Monitoria
Gregory Baltz
Mônica Alves

Registro Videográfico
Joaquim Rios Delphim

Registro Fotográfico
Gabriela Magnani

Legendagem Eletrônica
Casarini Produções

Despachante Aduaneiro & Transporte de Cópias
Romar Express

Distribuição de Material Gráfico
Divulgart

Impressão Gráfica
Grupo Gráfica Stamppa

Administrador Financeiro
Marta Paiva

Créditos Fotos
Dennis Stock/Magnum Photos/Latinstock: capa, 4, 6, 8, 11, 12, 16, 20, 49, 56, 60, 72, 88 e contracapa;
CMG Worldwide: 3, 19, 24, 26, 43, 44, 71;
MPTV: 14, 23, 30, 34, 38, 46, 50, 64, 67, 68, 75, 76, 82, 85;
Waner Bros.: 33, 37, 55;
Sanford Roth: 59, 63;

Os direitos das fotos são reservados. Agradecemos aos fotógrafos Sid Avery, Floyd McCarty, Richard Miller, Roy Schatt, Sanford Roth, Dennis Stock e Frank Worth pela decisiva contribuição para a consolidação da imagem de James Dean. Qualquer omissão ou imprecisão será retificada em futuras edições.

Facebook: **Eternamente Jovem Retrospectiva James Dean**

Site: **www.centraldasartes.com/jamesdean**

Foto:
James Dean em Nova York

Produção

Realização

Ministério da **Cultura**

GOVERNO FEDERAL BRASIL PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA